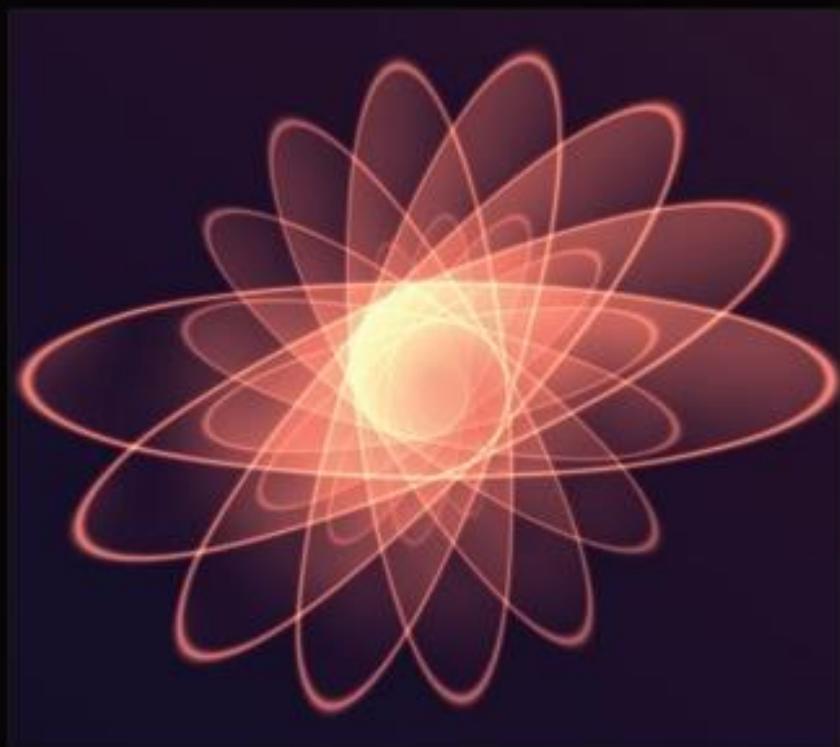


centro de síntese

um novo modelo para
a formação do homem



Héctor Enrique Giana

Héctor Enrique Giana

centro de síntese

um novo modelo para a formação do homem

*Quero agradecer profundamente
às pessoas que me antecederam
nestas apreciações e das quais
muito aprendi.*

Juntos somos mais!

2020, by Héctor Enrique Giana - 1ª edição

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer parte desta edição, por qualquer meio, sem a expressa autorização do autor. A violação dos direitos do autor (lei n.º 5.998/73) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Brasil

Giana, Héctor E.

centro de síntese – um novo modelo para a formação do homem

São José dos Campos - SP, Edição do Autor

ISBN n.º. 978-65-00-13538-1

Índice para catálogo sistemático

1. centro de síntese – um novo modelo para a formação do homem.

Educação - Filosofia

CAPA: Imagem sipa by pixabay

REVISÃO: E.V.L

ÍNDICE

Introdução.....	7
Características atuais	10
Desigualdade humana	12
Realidade do ser.....	15
Estado de consciência.....	17
Movimento da mente - Egoência	20
Consciência de si.....	26
Seja a mudança que quer no mundo	30
Reflexões	34
O Homem Integral	38
Autoconhecimento	40
Ética	42
Economia Providencial	44
Compreensão	45
Aprendizagem	47
O homem novo	48
Multiplicidade dos “eus”	55
Ubuntu.....	57
Centro de Síntese.....	59
Como fazer?	65
Formação de Educadores.....	71
Relações Familiares	74
Sociedade.....	77
O início do Centro de Síntese	80
Como e o que fazer?	83
Ensino médio e superior	87
Epílogo	90

Introdução

Falar em Centro de Síntese requer primeiro uma breve explicação para poder compreender seu significado, de modo a situar o leitor na correta interpretação do seu alcance, não como expressão estereotipada, mas como obra em permanente evolução.

Uma Síntese, por definição, é um método, processo ou operação cujo principal objetivo é o de reunir elementos isolados diferentes – concretos ou abstratos – e fundi-los em um todo coerente, de forma a constituir um novo elemento que possa ser superior, em qualidade, ao da soma das partes separadas.

A Síntese abrange numerosos aspectos tais como o físico, o químico, o filosófico, o literário, dentre outros, mas nosso enfoque estará orientado à Síntese Humana, como forma de procurar o melhor ajuste dos elementos humanos individuais encontrados na mente do homem, sua razão e sua emoção. Isto vai permitir, em função de sua existência e do que o define como o ser humano que é, transformá-lo num ser integral e substancial, no sentido de Síntese que estamos propondo, a fim de preparar o advento do homem futuro que almejamos ver, e ajudar na formação do homem novo que já se insinua, de forma discreta, sobre a Terra.

Estamos vivendo uma nova etapa como Humanidade, ainda que existam coisas que nos façam pensar o contrário. Alguns de nós já têm a semente de um futuro diferente, transcendente.

Esse futuro hoje é vida potencial em alguns homens.

O futuro do mundo tem uma Mensagem para nós. Não é algo que vai acontecer, senão que já existe. Está ocorrendo aqui mesmo, em uma corrente profunda que irá se espalhar pelo mundo todo assim que se soltem as amarras.

O próprio tempo já mudou. Não são somente mudanças de ideias, costumes e vivências. Trata-se de uma mudança que

centro de síntese

nosso planeta experimenta como Vida ou Consciência Universal, além dos cinco sentidos comuns do homem, com acesso direto a uma nova realidade transcendente.

Isso significa que a Mensagem do futuro não pode ser transmitida em conceitos: só pode ser transmitida como corrente de vida, como renovação de vida, como consciência.

O comportamento do animal é determinado por instintos que obedecem a estruturas hereditárias. Isto faz com que se comporte de forma idêntica, entre os indivíduos da mesma espécie (notadamente nos animais inferiores). Mas, à medida que ele ascende na escala zoológica, vai ficando mais livre de todos estes reflexos e ganhando liberdade e flexibilidade em relação ao meio circundante.

Dependendo da evolução do animal, podemos encontrar até um esboço de proto-inteligência e uma discreta capacidade de raciocínio, como acontece com os gorilas e chimpanzés. Mesmo assim, há uma grande diferença entre estes animais e o ser humano. Este, apesar de estar inserido na mesma natureza e estar sujeito às mesmas leis físicas e biológicas deles, em função de sua característica mental e racional, pode observar a natureza que o contém com consciência, com análise crítica, e consegue experimentar e trabalhar o resultado desta reflexão.

Desde épocas imemoriais, o homem vem evoluindo na sua condição humana, quebrando limites, apurando seu intelecto, diferentemente dos animais que não sofreram essa evolução. O macaco pré-histórico se comportava da mesma maneira que o macaco atual, assim como outros animais. O homem evoluiu até aqui como uma síntese, composta por atributos hereditários e adquiridos, relações familiares e sociais, e aspectos psicológicos e culturais que o levaram ao patamar onde hoje se encontra e se manifesta. Nós não sabemos ao certo, mas podemos intuir como será daqui em diante sua evolução, se mudar o paradigma da sua

centro de síntese

educação, das suas virtudes, da sua moralidade e da sua ética social.

Todas essas características evolutivas tornaram o homem extraordinariamente especial, alguém capaz de dominar e de transformar a natureza (mesmo estando inserido nela e fazendo parte dela) podendo criar, modificar ou devastar tudo o que nela existe. Pode acumular conhecimentos, sentir angústia pelas perguntas fundamentais pertinentes – de saber quem é, o que faz, de onde vem e para onde vai, podendo viver isolado (mesmo estando em grupo), avançar sobre a ciência e a técnica que ele próprio construiu. Pode viajar pelo espaço sideral, buscando novos mundos ou nas profundezas submarinas, buscando novas vidas. Pode comunicar-se instantaneamente com qualquer outra pessoa no planeta em tempo real e saber o que está acontecendo do outro lado do mundo. Mas não tem ainda a exata noção do por que ele pode e faz tudo isso, por que o faz para si próprio e não para o resto do mundo, qual é seu objetivo principal como indivíduo social. Não aprendeu ainda a conversar consigo mesmo em seu interior, para poder produzir os argumentos necessários que lhe permitam modificar-se como um homem pleno e completo, junto aos demais. Está fechado para uma experiência transcendente, mesmo que exista nele o potencial necessário para fazê-la.

Características atuais

Os seres vivos, em geral, são egoístas. Egoísmo é o amor excessivo por si mesmo, sem se importar com as necessidades nem com os interesses alheios. O homem, sobretudo, além de cultivar o egoísmo possui um egocentrismo exacerbado que se evidencia quando pensa que ele é o centro de tudo e que o mundo gira em torno de si. Muitos cientistas asseveram, no entanto, que o egoísmo, em qualquer grau de intensidade, é uma necessidade evolutiva do animal, incluindo o homem, configurando o chamado instinto de sobrevivência. De qualquer forma, o ser humano possui inteligência e razão para diferenciar-se dos animais e transformar o instinto natural de sobrevivência individual em subsistência grupal humanitária.

Por outro lado, o altruísmo é representado por aqueles seres que pensam no outro e se interessam por sua felicidade e seu bem estar, de modo amigável e fraternal, tornando o mundo melhor, caracterizando um passo a mais na evolução do ser humano. Mesmo que atualmente sejam poucos e o façam de uma forma conveniente e incompleta, por não ser uma rotina sólida o suficiente para perdurar no tempo. O altruísmo começa de forma centrífuga, primeiro com os familiares achegados, depois os vizinhos, os cidadãos próximos e, se for muito forte, com o resto da humanidade, como o exercido, por exemplo, por Gandhi, Mandela, Tereza de Calcutá, Buda, Jesus, dentre outros.

Dentro de cada um de nós existe um potencial para executar os atos mais terríveis e, também, os mais sublimes. E, dentro dos limites do possível, podemos escolher o que fazer com as ações que realizamos. O homem é um ente singular. Mas, mais que o ser individual, o que importa é o ser coletivo, já que ligações invisíveis conectam a humanidade (através do tempo e do espaço) num esforço conjunto que nos permite sobreviver de

centro de síntese

forma cooperativa. Moléculas se unem para formar células, células se unem por sua vez, para formar organismos, organismos formam ecossistemas e estes, ao mesmo tempo, se unem para formar toda a biosfera, pois a vida em si não persiste no isolamento.

Fisiologicamente falando, não apenas os seres humanos, mas todos os seres vivos estariam condenados ao egoísmo. E o altruísmo não passaria de uma ilusão de poucos, uma tentativa de promover ações cujo fundamento velado seria o interesse mesquinho de assegurar a perpetuação dos próprios genes, excetuando os grandes seres que não possuem essa necessidade biológica. Mas não falamos aqui de fisiologia e sim de filosofia, com algum tipo de comportamento de abnegação e de cuidados em função dos outros seres que habitam o planeta.

Este é um mundo ameaçado pelo individualismo, pela apatia e pela desesperança, que busca justificar o caráter natural ou até mesmo ético do egoísmo e da lógica competitiva. Mesmo que se vislumbrem formas leves de altruísmo social, maculadas muitas vezes por interesses espúrios, torna-se imperativo encontrar uma via comportamental diferente que ajude a salvar o planeta, o qual se encontra gravemente comprometido pela ação do próprio homem.

Desigualdade humana

O individualismo do homem produz como consequência uma grande desigualdade social – já seja por questões econômicas, de gênero, de cor, de crença ou de grupo social. Isso prejudica o acesso da maior parte da população aos direitos básicos de educação, saúde, moradia, trabalho, dentre outros benefícios inerentes ao ser humano que vive em sociedade, reduzindo ou negando a possibilidade de igualdade de chances para que todos possam alcançar estes direitos.

Desta forma, as sociedades no mundo se dividem em dois grandes grupos: os privilegiados e os marginalizados (sendo estes últimos a grande maioria da população). Estes não conseguem obter os recursos indispensáveis para sua sobrevivência, sendo ainda discriminados pela pobreza, por suas ideias, por sua crença ou por sua cor. Seu acesso à educação formal de qualidade, à saúde, ao trabalho e à moradia está no mais baixo patamar que um ser humano pode alcançar, constituindo um círculo vicioso do qual é impossível sair.

Quem nasce no seio de uma família humilde ou discriminada socialmente não tem as oportunidades necessárias ao preparo para um modo de vida melhor para si e para sua família. Perde a oportunidade de crescer física e espiritualmente, porque o grupo dominante dos privilegiados impõe a meritocracia e a indicação como únicos modos de aceder ao desenvolvimento social. Pela diferença de acesso aos direitos básicos, o homem humilde nunca consegue alcançar o patamar necessário para se desenvolver de forma igualitária.

Deste modo, é muito difícil imaginar uma mudança de rumo no homem se não tiver satisfeitas estas mínimas necessidades para poder avançar no processo evolutivo social que deseja, e isto o afasta cada vez mais daquilo que ele quer. Um ser humano sem

centro de síntese

moradia, sem saúde, sem educação e sem a alimentação necessária – que lhe permita manter seu corpo em condições de aprender algo – não conseguirá produzir muita coisa em favor de seu desenvolvimento humano.

A fim de tentar minimizar estas diferenças, muitos países fundamentam seus governos em uma Constituição. Esta é a lei maior que organiza o Estado e dá fundamento às garantias individuais dos cidadãos no que diz respeito a seus direitos e deveres, entre outros temas de ordem mais abrangente para gerir a sociedade. Ver em nossa Constituição, por exemplo, que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes neste País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, deixa-nos um misto de tristeza e de incredulidade porque verificamos, com pesar, que o texto escrito não representa o espírito da lei e pouco se faz no sentido de cumpri-la efetivamente. A lei é feita para poucos!

Governos chamados de democráticos definem a participação igualitária de todos os cidadãos nas decisões do Estado através de representantes eleitos pelo voto correspondente. Estes, em teoria, defendem os direitos do cidadão com relação a seus interesses. Mas, pelo evidenciado na maior parte dos países onde impera este tipo de sistema, a realidade mostra uma defesa acanhada destes direitos – quando não ausente – em função dos meandros do poder estabelecido e dos próprios interesses da minoria.

O ser humano comum, envolvido nesta encruzilhada, delega a responsabilidade da consecução de seus direitos aos detentores do poder político, na esperança de ver cumpridos seus desejos de crescimento social. E, de uma forma sistemática e cíclica, vê postergado seu anseio durante o tempo de sua vida e a dos seus descendentes, nas quiméricas

centro de síntese

promessas de alcançar o que procura. Em outros regimes políticos como a Oligarquia, a Plutocracia e o Autoritarismo, para citar alguns, o resultado é similar. Mesmo com os avanços vistos no sistema democrático populista em relação àqueles – ainda que de forma muito tímida (já que cada um busca os benefícios que o sistema de poder oferece para eles) - esses representantes do povo ignoram a real necessidade dos demais e se perdem no universo do poder.

Desde tempos remotos, as elites governantes da nossa sociedade abusam de um poder que representa seus interesses e os de uma minoria detentora dos meios materiais e imateriais que regem a vida social. Mantêm o homem escravizado – física e espiritualmente – dando a ele o mínimo de recursos possíveis para sua sobrevivência, prometendo, mas nunca cumprindo, um mundo melhor para ele e para sua prole. Dominam também o seu psiquismo como artífices das ideias e das situações que regulam a expressão da sociedade. Com estes elementos em jogo, nos quais prevalece a adversidade social, o ser humano tem pouca motivação para enveredar num programa de desenvolvimento que o conduza a um patamar mais elevado de consciência e na compreensão do mundo que o cerca.

A pergunta que surge neste momento é: poderemos realizar a obra de mudança interior do homem, da forma como ele se encontra, através de um Centro de Síntese? Ou devemos primeiro propiciar uma melhora social para permitir que possua uma mente e um coração serenos para absorver melhor os novos ensinamentos? Há uma conexão íntima entre objetividade e subjetividade (entre objeto e sujeito) que nos leva a analisar de que forma é realmente possível esta transformação humana.

Realidade do ser

A subjetividade está no campo das ideias, enquanto que a objetividade está no campo do mundo tangível. Devemos ver e verificar se a consciência dos homens é a que determina o seu ser, ou se, ao contrário, é seu ser social o que determina sua consciência. O homem está, por sua vez, condicionado historicamente pela produção material da vida. Não somente à econômica, mas à produção permanente dos meios necessários à vida, à sobrevivência humana (que envolve tanto produção de bens materiais quanto de bens imateriais e espirituais) e à produção de elementos objetivos e subjetivos. Não há objeto sem sujeito, assim como não há sujeito sem objeto, e estes se revezam permanentemente para determinar o ser humano tal como é.

Hoje, o ser humano, distante de seu ser original e da vida de sua espécie – como força bruta de trabalho – limita-se a uma existência física, biológica. Está preso às condições mais simples e menos desenvolvidas de sua própria humanidade, quais sejam aquelas condições de sobrevivência imediata e de reprodução física, similar à dos animais. Assim, é necessária não só uma transformação das condições materiais, mas igualmente da subjetividade humana – sendo que, para evoluir neste mundo, será necessário renunciar às referências do passado, que o oprimem como homem incompleto que é.

Neste momento, vivemos a era da sociedade de classes. Impera a dominação do homem pelo próprio homem, evidenciada pela forma como os detentores do poder visualizam os outros seres: utilizadores de sua mercadoria – tanto como mão de obra para produzi-la, quanto como consumidores vorazes do que eles mesmos produzem. A ânsia do consumo acelerado e descontrolado, fabricada propositalmente pelo poder dominante, relega a um segundo plano as questões éticas,

centro de síntese

morais, sociais e até mesmo ecológicas, provocando no homem um sentimento de obrigação de alcançar um nível social mais elevado. Este se desloca junto com a sua caminhada: nunca o alcança.

Para transformar o mundo, precisamos transformar o homem. Este tem que entender que não mais deve trabalhar para viver e sim, porque o trabalho dignifica. Não deve estudar para galgar posições sociais, mas sim para que seu conhecimento possa servir para auxiliar o mundo em que vive. Não deve se exercitar para obter a silhueta perfeita, mas porque o exercício físico revigora o corpo para poder ser útil onde necessário. O homem tem que aprender a ser um ente individual, no coletivo social. Ser egociente, trabalhando para si, em função do mundo.

Se o homem e a comunidade humana não tiverem essa visão sutil (que às vezes acham que têm, mas que não possuem); se faltar essa energia espiritual; se esse mínimo de visão não existir, não resta nada além da escravidão do homem pelo homem, do desenvolvimento material de uns poucos seres e a decadência física e espiritual da humanidade como um todo.

Estado de consciência

Um novo estado de consciência é imprescindível como uma obrigação de ser. E, se há algo em nós que podemos avaliar como principal imperativo, que está além das necessidades de sexo, de comer, dormir e se divertir, além das necessidades sociais, políticas e econômicas que se manifestam no mundo, é o dever do homem de ser verdadeiramente Homem, no sentido transcendente da palavra. A existência de seres fracassados no mundo, de tantos casais que não se compreendem, de tanta desavença entre pais e filhos, de tanta mentira e falsidade entre os homens, de tanta exploração, de tanta infelicidade e discórdia – só para falar de algumas evidências – demonstra uma decadência do espírito humano e uma falta de dar sentido à vida do ser, que é muito mais do que apenas uma herança biológica, transmitida geneticamente.

Ser espiritualista significa cultivar a busca pelo significado da nossa vida, uma conexão com algo maior que nossa individualidade. Algo que não tenha que ser necessariamente confundido nem ligado com uma vivência religiosa, para não cair na armadilha da intolerância e do fanatismo. E para não colocar em outro ser a responsabilidade de gerir nossa própria vida, um ser fora de nós mesmos que tenha a característica de castigar ou premiar nossas ações e determinar nosso destino.

O espiritualismo defende uma conduta humana voltada para o altruísmo, para o desapego, baseada na premissa de que o que realmente importa são as virtudes, os valores éticos, a observância da conduta e a elevação moral do ser, buscando o conhecimento como forma de entender o mundo. Deve haver prudência, reflexão, equilíbrio, solidariedade, respeito ao ser humano, tanto individual quanto coletivamente.

O homem deve perceber que sua atuação tem um papel preponderante como uma parte importante da vida integrada à

centro de síntese

natureza. E deve ser consciente de que há uma inversão de valores em todos os segmentos e setores sociais, com acentuada destruição dos recursos naturais, com acumulação de capital em meio à pobreza extrema. Tudo isto levará ao colapso do nosso mundo em curto espaço de tempo.

Uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos possam usufruir de conforto e bem estar material com liberdade, mas também respeitando valores éticos e morais, na busca incessante pelo conhecimento e pela educação. Uma busca na qual todos tenham efetivamente os mesmos direitos e deveres sociais, com acesso a educação, saúde, moradia e segurança é o requisito indispensável para que o Centro de Síntese prospere.

Mudar as condições materiais que mantêm o homem preso à roda do destino, na condição de submissão social em que se encontra, não é tarefa fácil nem rápida e requer uma vontade política que não existe. Precisa de uma consciência desperta que entenda e deseje trocar o sistema imperante por outro mais justo, como vimos anteriormente. É necessário, definitivamente, um homem de Síntese que possa ensinar a outros como conseguir uma forma viável de aceder a este tipo de sociedade equitativa que irá propiciar igualdade de oportunidades para todos.

Podemos dizer que a moral do indivíduo tem um papel social, sendo a moral o conjunto de regras que determinam como deve ser seu comportamento em grupo, levando em conta as normas estabelecidas. Já a ética se ocupa de refletir a respeito das noções e princípios que fundamentam a vida moral.

Em numerosos diálogos de Platão, nos quais são descritas as discussões socráticas a respeito das virtudes e da natureza do bem, verifica-se que a virtude se identifica com a sabedoria, e o vício com a ignorância. Sócrates estava convencido de que os conceitos morais podiam ser estabelecidos racionalmente

centro de síntese

mediante definições rigorosas, as quais poderiam ser assumidas como valores morais de validade universal. Platão atribui a estes conceitos ético-políticos o nome de mundo das Ideias (Justiça, Bondade, Bem, Beleza etc.), pressupondo que os mesmos são eternos e estão inscritos na alma de todos os homens.

Ele achava que o poder político deveria ser exercido por uma espécie de aristocracia, mas não constituída pelos mais ricos ou por uma nobreza hereditária. Os governantes tinham de ser definidos pela sabedoria. Os reis deveriam ser filósofos e vice-versa. Como pode uma sociedade ser salva ou ser forte, se não tiver à frente seus homens mais sábios?

Aristóteles, discípulo de Platão, aprofunda a discussão a respeito da ética. Para ele, o homem busca principalmente a felicidade que consiste na vida teórica e contemplativa, cuja plena realização coincide com o incremento da racionalidade.

Para todos eles, a virtude resulta do trabalho reflexivo, da sabedoria, do controle racional dos desejos e das paixões, partindo do princípio de que os homens gregos são, antes de tudo, cidadãos, membros integrantes de uma comunidade, de modo que a Ética se acha intrinsecamente ligada à política.

Na Idade Média, a moral e o conceito do bem e do mal estavam ligados a valores religiosos, mas na Idade Moderna esta ideia da moral se torna laica, separando a moralidade da imagem religiosa. A prática dos valores morais já não está em Deus e sim no homem, pela razão, e depende de seu interesse, ao contrário dos antigos, como vimos anteriormente.

No mundo contemporâneo, a situação da moral e da ética nos coloca diante de um impasse: de um lado prevalece a ordem subjetiva das vivências e emoções, a anarquia dos princípios ou a simples ausência deles; por outro lado, a razão dominadora, instrumento de repressão, como nos denunciam Marx e Nietzsche, dentre outros.

Movimento da mente - Egoência

Como uma centrífuga, que empurra os objetos de dentro para fora, é a visão do mundo que nosso pensamento se permite manifestar. É muito comum e muito mais fácil perceber as capacidades e os erros nos outros do que em nós mesmos. E fazemos questão de avaliar nossos semelhantes a partir desta análise que, em última instância, não possui fundamentos lógicos de análise porque parte do princípio de que a nossa própria visão é a real e verdadeira.

Se olharmos o mundo com um telescópio, veremos um tipo de coisas; e se olharmos com um microscópio, veremos outro tipo de coisas diferentes. Se a lente que usarmos for cor-de-rosa, o mundo que veremos será dessa cor; e se o vidro da lente estiver sujo e riscado, veremos a vida de forma defeituosa. Não temos a capacidade de abstrair e olhar a vida com nosso interior porque não aprendemos a olhar para dentro, de forma centrípeta.

É muito mais fácil para nós apreciar o concreto do que o abstrato, o material do que o imaterial, o final das coisas do que o começo. Definitivamente, é mais fácil ver a árvore do que a semente que a originou. Nossa mente foi condicionada a agir desta maneira e nos custa muito mudar de perspectiva.

Em outras palavras, a tendência natural da mente nos leva a querer concretizar as coisas no sentido de julgar o que vemos, mas é necessário sair do pensamento linear e reverter o processo, detendo esse movimento que esgota o potencial energético da mente. Temos que criar um novo estado de consciência, transformando o movimento centrífugo em um movimento centrípeta, sobre si mesmo.

Diante da imensidão do Universo, constatamos que somos um pontinho minúsculo.

centro de síntese

Mas, qual o segredo que habita na intimidade de cada ser humano?

O homem que descobre em seu interior a essência que faz dele uma parte consciente desse imenso Universo descobre que, para além de suas tendências, de seus gostos e desgostos, de suas posses ou não posses, defeitos ou qualidades, há algo transcendente, algo que ele sabe, se dá conta que é seu ser verdadeiro.

Essa consciência da Essência, esse encontro com o miolo da Vida em si mesmo – é o que chamamos de Egoência.

Um pensador Argentino, Ramón P. Muñoz Soler, utilizou em seus livros o conceito Egoência, criado por seu Mestre, Santiago Bovisio, a fim de evidenciar algo que define bem o termo, que é a forma como o ser individual tem de estar em função harmônica com a consciência cósmica, com o Todo. Para isto ser possível, o ser egoente deve usar o conhecimento por analogia, por ressonância, conforme ele explicou.

A individualidade descrita como Egoência não é a individualidade comum. É uma nova individualidade, ou seja, uma nova dimensão dela a que é aperfeiçoada como tal, quando a vontade determinante da partícula humana é juntada, por oferta reversível, à consciência cósmica. Ou seja, quando a partícula humana com seus valores de desenvolvimento individual alcançados pelo próprio esforço, encontra a partícula cósmica, divina, e as duas se unem para formarem juntas, a nova partícula de uma individualidade de ressonância.

Em suma, o que descrevemos hoje como individualidade, no sentido comum do termo, nos dá uma partícula humana separada, egoísta; enquanto a individualidade que chamamos de Egoência é uma individualidade em função harmônica com a consciência cósmica, que chamamos de individualidade de ressonância.

centro de síntese

Quando dizemos que a vontade individual vai se juntar à consciência cósmica, como Muñoz Soler especifica, não estamos falando de uma união por dissolução (a partícula humana se dissolve no oceano cósmico, como certas teorias postulam) nem estamos falando de uma união por anulação (na qual o homem vem a identificar-se com a vontade cósmica, anulando-se), mas sim, estamos falando de uma nova aliança. A individualidade de ressonância, na verdade, é uma nova aliança entre o humano e o Cósmico, que induz a colocar os resultados alcançados pelo exercício da vontade individual em harmonia com as leis do Universo e da Vida.

O mesmo autor diz também que os seres humanos têm dois níveis ou métodos de comunicação: um método indireto – tanto para o conhecimento quanto para as relações humanas, método típico da mente racional e das emoções comuns, e um método direto de ressonância, por semelhança essencial. Esses dois métodos abrem dois campos de possibilidades muito diferentes. Para descobrir as leis do Universo e da Vida e para descobrir as pessoas como elas são, você precisa do método direto por similaridade essencial. Para analisar as partes e descrever os compostos das coisas, você precisa do método racional indireto. Esses dois métodos são duas formas de pensar, sentir e se comunicar, e cada uma delas tem suas próprias possibilidades.

O método de ressonância, do conhecimento por analogia – diz Muñoz Soler - usado até muito tempo atrás apenas por uma elite de homens sábios da mente e do coração, começa a ser hoje a herança do homem comum. Mas, do homem que quer descobrir por si mesmo, não do homem que só quer repetir o que outro disse ou do homem preso no vórtice de emoções confusas, de opiniões, teorias ou sistemas.

O novo homem, aquele que quer adquirir o conhecimento das leis da vida (que não se conforma com teorias sobre tais

centro de síntese

leis, mas quer se transformar em pesquisador, em buscador) precisa de uma nova mente para usar esse método de ressonância, esse método por similaridade, esse método por abordagem direta à vida, sem intermediários.

Alguns amigos comentavam que as crianças e os jovens – ou pelo menos uma parte deles – estão trazendo esse potencial da nova consciência que une o humano com o cósmico. Esta semente germina sobre solo propício.

Para que esse potencial floresça, é necessário o contato com as correntes cósmicas de ativação da Egoência, a consciência real de nossa Essência, de forma a permitir que os velhos caminhos deem lugar a um Caminho de Luz.

Para alcançar um nível mais elevado de consciência que aquele da etapa já caminhada, o homem necessita desse contato.

Mesmo que a criança tenha sido bem dotada pela natureza, que tenha bom nível de inteligência, que tenha um físico sadio e normal, ainda assim, a falta desse contato energético vivificante não permitirá que se ative seu desenvolvimento em direção a formas mais elevadas de vida e de consciência.

Se o ambiente carecer dessa energia espiritual, desse contato com a Consciência Cósmica – desse fator que poderíamos chamar de imponderável – as sementes permanecerão sem germinar e as possibilidades ficarão no mundo dos sonhos, sem se realizar.

A potência da semente está na potência da própria vida.

Sem essa potência vital ela não germina. Há sementes que não germinam. Têm potencialmente tudo para germinar, mas não podem fazê-lo. Somente ficam no potencial.

Como pode ser que uma semente contenha uma árvore? Isso nos parece tão natural! A semente que encontra solo propício germina, se desenvolve, torna-se árvore.

centro de síntese

Como pode ser que um homem contenha o Universo? A potência no homem nos diz que o Universo está contido nele. A semente que encontra solo propício germina, se desenvolve, torna-se parte consciente do Todo.

Como esse novo homem que já está presente entre nós recebe o chamado para cumprir esse novo destino dentro do conjunto universal?

Como vimos, existe uma lei de ressonância universal. Ela abre o caminho entre o terrestre e o cósmico, entre o humano e o divino.

Quando existe um desejo real de crescer interiormente, o homem se encontra com as correntes ativadoras de uma vida superior. Elas circulam por toda parte, como circula a luz do sol a nosso redor.

Se aquele que busca encontra um clima, um ambiente adequado, seu esforço individual o faz entrar em sintonia com a energia cósmica.

Neste momento da Humanidade, apesar das dificuldades que se apresentam, existem condições cósmicas e humanas para que se produza em nós o despertar dessa consciência egoente.

Por outro lado, a Antroposofia defendida por Steiner foi definida como um caminho em busca da verdade que preenche o abismo criado a partir da divisão entre fé e ciência, porque a realidade do mundo é essencialmente espiritual em oposição ao pensamento materialista existente, havendo um tipo de percepção espiritual que opera de forma independente do corpo e dos sentidos corporais.

A experiência humana do puro pensar leva a uma consciência diferente da cotidiana do homem. E, com a vivência do próprio Eu, pode-se avançar na tomada de uma nova consciência no caminho de conhecimento para guiar o espiritual individual do ser humano ao espiritual do universo. Com o

centro de síntese

objetivo de tornar-se mais humano, ao aumentar sua consciência e deliberar sobre seus pensamentos e ações, ou seja, tornar-se um ser espiritualmente livre, conforme suas palavras.

Para isto é necessária uma prática que consiste em integrar de maneira holística o desenvolvimento intelectual, artístico, físico, anímico e espiritual dos homens, objetivando desenvolver indivíduos livres, integrados, socialmente competentes e moralmente responsáveis. Levando em conta as características de cada ser e sua capacidade de compreensão, a fim de desenvolver sua personalidade de forma equilibrada e integrada, estimulando o aparecimento de clareza de raciocínio, equilíbrio emocional e iniciativa de ação.

Esta prática incentiva e encoraja a criatividade, nutre a imaginação e conduz os seres a um pensamento livre e autônomo de forma a prepará-los para a vida, procurando que saibam lidar com as constantes e velozes mudanças que se apresentam no mundo com responsabilidade, criatividade, flexibilidade e capacidade de questionamento.

Em uma palavra: precisamos encontrar e fomentar as condições propícias para o desenvolvimento do homem integral, do homem de síntese.

Consciência de si

Falamos em mudança de consciência, mas devemos definir ou determinar o que isso significa para poder explicar os meios e os fins do Centro de Síntese. Basicamente, quando nossa mente percebe a relação existente entre nosso ser e o meio que o cerca – com todas as suas qualificações, como característica do espírito ou da mente, não somente como um saber estar, mas também como perceber-se e ser-no-mundo e para o mundo, utilizando todos os meios disponíveis para possibilitar esta ação – dizemos que há algum tipo de consciência. Por outro lado, qualquer tipo de consciência pressupõe ser consciente da existência desse evento, ou seja, poder refletir sobre isso, sendo autoconscientes de nossa própria consciência, já que sem isto nada é possível.

Consciência, em si, possui pelo menos dois sentidos diferentes, quais sejam o de descobrir ou reconhecer alguma coisa externa a nós, como um elemento, um fato ou uma ocorrência; ou de alguma coisa interior a nós, como nossas ideias do mundo, reflexões sobre o certo e o errado, tratamento das nossas emoções, mudanças comportamentais sofridas a partir da nossa apreciação e reflexão sobre as coisas e qualquer outro fenômeno ligado a essa análise crítica interior do ser. Sendo que este último sentido é o que interessa para nosso caso.

Quando perdemos o controle das nossas ações – e isto é muito frequente – por influência das emoções que disparam na mente e no pensamento, reagimos à situação apresentada em vez de tomar consciência do fato e elaborar uma resposta adequada através da observação detalhada dos sentimentos, dos pensamentos e das ideias que deveriam surgir em nós. Isso nos tornaria muito mais conscientes dos processos racionais e reflexivos, pela prática da consciência de si, de forma cada vez mais permanente.

Para entender melhor o significado da consciência vamos mergulhar por uns minutos no mundo de P. D. Ouspensky, um

centro de síntese

filósofo e pensador russo que buscava um sistema superior de evolução do pensamento possível ao homem. Já que – como ele expressava – os professores estavam matando a ciência, da mesma forma que os sacerdotes estavam matando a religião. Depois de percorrer numerosos caminhos do conhecimento antigo, encontra-se com G. I. Gurdjieff, sendo introduzido em sua filosofia, dando-se conta de que a maior barreira na obtenção de conhecimento estava dentro dele mesmo e que, para encontrar a verdade, teria que tornar-se a verdade, transformando conhecimento em sabedoria, através da consciência.

Ele dizia que a consciência no homem é uma espécie muito particular de elemento de acesso à informação de si mesmo, conhecimento de quem ele é, de onde está, conhecimento do que sabe, do que não sabe, e assim por diante. Só ele próprio é capaz de saber se está consciente ou não em dado momento, dando-se conta, por exemplo, de que antes desse mesmo instante, não estava consciente e mais tarde esquecerá esse fato. Ainda que o recorde depois, isso não será a consciência, mas apenas a lembrança de uma forte experiência.

A consciência no homem jamais é permanente, ela está presente pontualmente ou está ausente.

Os momentos de consciência mais elevados criam a memória. Outros momentos, o homem simplesmente os esquece. É justamente isso que lhe dá, mais que qualquer outra coisa, a ilusão de consciência contínua ou de percepção de si contínua.

O fato é que a consciência, em cada ser, tem graus bem visíveis e observáveis. Primeiro, o critério da duração: quanto tempo se permaneceu consciente? Segundo, o da frequência: quantas vezes se tornou consciente? Terceiro, o da amplitude e da argúcia: de que se estava consciente?

centro de síntese

Isso pode variar muito com o crescimento interior do homem. É fato que, por meio de esforços especiais e de um estudo específico, o ser pode tornar a consciência contínua e controlável, atributo necessário para poder avançar no caminho da Síntese e poder conseguir o objetivo proposto.

A experiência do relógio – na qual se trata de permanecer consciente de si mesmo, enquanto suas agulhas estão andando, sabendo que se está ali nesse momento (tenta-se lembrar de seu nome e de sua existência, afastando qualquer outro pensamento) – pode durar no máximo dois minutos. Essa experiência mostra que um homem em seu estado normal pode, mediante grande esforço, ser consciente de uma coisa (ele mesmo) no máximo durante dois minutos. A dedução mais importante que se pode tirar dessa experiência, se realizada corretamente, é que o homem não é consciente de si mesmo. Sua ilusão de ser consciente de si mesmo é criada pela memória e pelos processos do pensamento.

De maneira geral, o homem pode conhecer quatro estados de consciência crescentes – que são, segundo Ouspensky: o sono, o estado de vigília, a consciência de si e a consciência objetiva. Mesmo tendo a possibilidade de conhecer esses quatro estados de consciência, o homem só vive, de fato, nos dois primeiros desses estados: uma parte da sua vida transcorre no sono e a outra parte é chamada de estado de vigília, mas que, na realidade, difere muito pouco do sono verdadeiro.

Na vida comum, o homem nada sabe da consciência objetiva e não pode ter nenhuma experiência dessa ordem. O homem se atribui o terceiro estado de consciência – ou consciência de si – e crê possuí-lo, embora na realidade, só seja consciente de si mesmo por lampejos, aliás, muito raros. E, mesmo nesses momentos, é pouco provável que reconheça esse estado, dado que ignora o que implicaria o fato de realmente possuí-lo. Esses vislumbres de consciência ocorrem em momentos excepcionais,

centro de síntese

em momentos de perigo, em estados de intensa emoção, em circunstâncias e situações novas e inesperadas, ou também, às vezes, em momentos bem simples onde nada de particular ocorre. Em seu estado ordinário ou normal porém, o homem não tem qualquer controle ou ação sobre tais momentos de consciência.

Quanto à nossa memória ordinária ou aos nossos momentos de memória, na realidade, só nos recordamos de nossos momentos de consciência, embora não saibamos que é assim. O homem ficará muito surpreso quando constatar como se recorda de pouca coisa. E é assim porque só se recorda dos momentos em que esteve consciente. O homem, entretanto, não tem nenhum poder sobre tais momentos. Aparecem e desaparecem por si mesmos, sob a ação de condições exteriores, de associações acidentais ou de lembranças de antigas emoções.

Surge uma pergunta: é possível adquirir o domínio desses momentos fugazes de consciência, evocá-los com frequência maior, mantê-los por mais tempo ou até torná-los permanentes? Em outros termos, é possível ser realmente consciente? Esse é o ponto essencial e é preciso compreender que esse ponto escapou completamente, até em teoria, a todas as escolas modernas de filosofia e psicologia, sem exceção.

De fato, por meio de métodos adequados e esforços apropriados, o homem pode adquirir o controle da consciência, pode tornar-se consciente de si mesmo, com tudo o que isso significa. Entretanto, o que isso implica não pode sequer imaginá-lo em seu estado atual.

Como dissemos antes, consciência é a forma como vemos o mundo, nossos pensamentos, nossas ações, intenções e muito mais. A mudança de nível de consciência traz consigo a mudança da realidade física e material do ser humano. Como ensinava o Buda, nós somos o que pensamos e tudo o que somos surge com nossos pensamentos; com nossos pensamentos criamos a realidade do mundo.

Seja a mudança que quer no mundo

É importante ressaltar que, se os fatores de consciência são associados com a criação da nossa realidade, isso significa que a mudança começa dentro, em nosso interior, quando estamos observando o mundo exterior, a partir do mundo interior que devemos criar por analogia.

Os seres humanos, na sua maioria, querem a mudança, mas não percebem que eles são a própria resposta à inconsciência de que podem fazê-lo. Nossos padrões de pensamento e a maneira como percebemos a realidade deve mudar. Esta mudança de percepção interna vem do ato de observar e sentir quem realmente somos e o que queremos.

Se agirmos como observadores, poderemos criar a mudança e quebrar padrões para abertura de novas possibilidades, mudar nossa direção durante todo o caminho em que observarmos a nós mesmos, aos outros e ao mundo que nos rodeia. Se quisermos ajudar a mudar este mundo, temos que mudar-nos a nós mesmos e a forma de olhar para as coisas que queremos mudar. Como disse Gandhi, seja a mudança que você quer ver no mundo.

Cada ser capta a realidade dentro da sua própria capacidade de lidar com os fatos, de acordo com seu nível de consciência. Assim, a forma como se percebem as experiências desencadeia emoções e sentimentos que serão a base para as reações comportamentais. Quando alguém joga lixo na rua, ou quando alguém destrói um patrimônio público, ou quando vemos que se desviam verbas de hospitais públicos enquanto pessoas morrem por falta de cuidados, dentre outras barbaridades, nos sobrevém um sentimento enorme de insatisfação e desejo de mudança.

O estado de insatisfação humana pelo rumo que a vida toma mostra, normalmente, três formas de análise: há os que culpam a vida e os outros pelos sofrimentos e dificuldades que acontecem,

centro de síntese

e continuam levando uma vida passiva, sem atitudes e cheia de queixas; há os que se revoltam com as dificuldades e agem intolerante e agressivamente em suas condutas; e há os que esperam que a vida mude como em um passe de mágica, que as coisas apareçam melhores de um dia para outro, sem nenhum esforço para mudá-las.

É necessário parar de culpar o mundo e os outros pela nossa insatisfação, assumindo a responsabilidade da mudança do que queremos ver, mas ela deve ocorrer inicialmente em nosso interior. O sofrimento que sentimos é quase sempre por causa das nossas escolhas erradas – que fazemos com base em nossa consciência, que precisa ser trocada e desenvolvida a partir do autoconhecimento.

A consciência do material e do ter, do consumo, deve ser trocada pela consciência do espiritual, do ser. Ser-no-mundo significa viver individualmente em função do coletivo e trocar os princípios mundanos egoístas pelos de uma consciência do bem.

Até meados do século passado prevalecia – para o ter – certo tipo de modernidade-sólida, conforme trabalhos de Z. Bauman, na qual havia uma produção voltada para a segurança e a durabilidade do que era produzido, sendo que o trabalho era a ideia central desse momento histórico.

Com o avanço do tempo surge a – chamada por Bauman – modernidade-líquida, na qual há um aumento evidente na velocidade do consumo. Este já não é mais voltado para a estabilidade e para a durabilidade dos produtos, mas para sua constante substituição por outros mais novos. É substituída a ideia central do trabalho pela do consumismo, visto que o consumo é natural da espécie humana, a qual precisa comprar alimentos para sobreviver, roupas e outros objetos de necessidade. O consumismo vai muito além do consumo por necessidade, estando muito mais ligado a desejos subjetivos do que à própria subsistência.

centro de síntese

Para garantir a perpetuidade do consumismo, orientado para a compra oriunda dos desejos, é imperativo criar meios para instituir uma necessidade fictícia para satisfazer esses desejos. E a forma mais efetiva de fazê-lo é através de uma publicidade exagerada que obriga o consumidor a comprar o produto, e depois a decepcionar-se por ele, a desejar substituí-lo por um mais novo e melhor, num círculo vicioso que nunca acaba.

Este modelo de consumo, incentivado pela propaganda, faz com que o sistema que nos foi imposto se mantenha e se reproduza. Isso gera porém, sérios impactos ambientais, uma vez que o estímulo constante ao consumo e ao descarte acelerado aumenta o uso de recursos naturais para manter uma cadeia produtiva, capaz de garantir esse consumo, conforme diz Bauman.

Mas, para ter capacidade de consumo, é preciso ter dinheiro. Então, o homem vende sua força de trabalho para o empregador, que lhe abona um salário. Este lhe permitirá ser incluído no universo do consumo, passando ele mesmo a ser um produto – a mercadoria do trabalhador que precisa ser vendida para o empregador. Desta forma, as pessoas se tornam mercadorias para adquirirem mercadorias, a fim de viverem melhor e gozarem dos prazeres da vida, comprando o supérfluo.

O consumo de alguns produtos proporciona a ideia de certa posição social. De tal forma que, quem compra uma marca não está realmente comprando o produto em si, mas o prestígio de tê-lo, um símbolo de diferenciação social que o distingue dos menos favorecidos, aumentando o abismo que existe entre os dois pólos da sociedade.

Porém, eliminar as marcas dos produtos não fará com que as diferenças sociais diminuam, já que o homem procurará outra forma de diferenciação. Isto foi comprovado em sociedades nas quais os produtos são mais ou menos padronizados, visando

centro de síntese

uma igualdade que, na realidade, não existe. Mudar as roupas do corpo e os objetos de consumo em geral, não muda o interior do homem que continua no firme propósito de viver melhor que os outros e levar vantagens sociais que crê merecer.

O apelo mercadológico para o consumo exagerado de produtos, tanto materiais como intangíveis (como a ascensão social), é um tema recorrente que incide o tempo todo no imaginário do ser humano. Ele tira o foco de sua eventual educação para o Todo, sendo muito difícil de combater porque ele mesmo se encarrega de maximizar essa necessidade.

Em nosso mundo, o consumo é induzido pelos meios de comunicação e também pelos governos, que querem estimular o crescimento econômico e a geração de empregos para a população. O consumo desenfreado traz a ilusão de felicidade e de um reconhecimento social que não tem limites. Por ele, pessoas compram o que não precisam, com dinheiro que não têm, para impressionar pessoas que mal conhecem. A felicidade que o homem procura muitas vezes é confundida com a ideia de sucesso pessoal. E, para ser considerado “bem-sucedido”, prevalece o conceito de que é preciso possuir grande capacidade de consumo de bens e de serviços, muitas vezes em detrimento de valores éticos e morais, necessários à vida de relação.

Pessoas que consomem irresponsavelmente agem com egoísmo, pelo prazer desse estilo de vida, sem noção do dano que causam à natureza e ao próprio homem em sua ética e moralidade. Não conseguem distinguir o certo do errado, o bem do mal, abdicando dos princípios que regem o comportamento humano, propiciando um mundo caótico e imoral.

Reflexões

Até aqui vimos, de forma resumida, qual é a postura do ser humano em sua vida de relação. Ele, basicamente, vive no mundo com um desejo subjacente de ter, o que o leva a utilizar todas as artimanhas possíveis para conseguir seu objetivo, muitas vezes prejudicando a quem está a seu lado. É a lei da selva, na qual cada um deve lutar por seu próprio espaço, a fim de sobreviver em um sistema que foi criado especialmente para nós, para atizar nossos desejos de consumo.

Há um antigo provérbio africano que diz: *“Toda manhã na África, a gazela acorda sabendo que precisa correr mais rápido que o mais rápido dos leões para sobreviver. Toda manhã, um leão acorda sabendo que precisa correr mais rápido que a mais rápida das gazelas, senão morrerá de fome. Não importa se você é um leão ou uma gazela. Quando o sol nascer, comece a correr”*.

A nossa consciência do bem deveria ser mais forte do que a consciência do ter, do consumo, da posse material, sem querer fazer apologia da escassez. O homem deve ter o suficiente para viver na sociedade em que está e que lhe permita aceder de forma igualitária às mesmas oportunidades que seus pares têm com relação a educação, saúde, habitação, segurança, justiça e todos os aspectos necessários a seu desenvolvimento como ser.

O homem não se considera parte do Todo, mas um ente individual, preocupado consigo mesmo e com suas necessidades imediatas, mesmo sabendo que veio ao mundo sem nada e, da mesma forma, sairá dele sem nada quando morrer. Não atina a pensar qual é o motivo de sua existência, como veio ao mundo, qual é o seu papel, para onde vai depois que não mais estiver; enfim, as perguntas fundamentais que o homem com consciência desenvolvida sempre se faz.

centro de síntese

Vive em função de suas próprias necessidades e não se preocupa em absoluto com as necessidades dos outros, desde que as suas estejam satisfeitas. Quer galgar posições sociais que lhe permitam estar em um patamar social mais elevado, não para ajudar o mundo em que vive, mas para ele próprio viver melhor e garantir a satisfação de todos seus desejos. Ele escolhe seus representantes no poder público, não para o bem de todos, mas para garantir seu próprio lugar na sociedade ou para ter chances de melhorar – não como conjunto da humanidade, mas como ser individual. A procura egoísta das necessidades individuais traz como consequência o predomínio dos mais fortes sobre os mais débeis, com sérios danos ao equilíbrio da sociedade.

Por outro lado, os defensores do coletivismo social defendem a ideia de postergar o desejo individual do ser em função do grupo humano, muitas vezes configurando um sistema totalitário gerido pelo poder do Estado. O ser social permanece igualado na escassez e na busca de condições similares de sobrevivência. E, mesmo que todos tenham condições de atender as necessidades mínimas, o Estado paternalista se transforma em gestor de um sistema mantido pela coação, já que não existe uma educação concomitante que leve o ser à sua liberação.

Assim, para o individualismo o homem é um ser movido pelo interesse próprio e sua natureza é puramente individual; e para o coletivismo, o ser humano é meramente um ator social.

O Poder Público, na figura do Estado, existe para dar espaço ao egoísmo, sem fazer nada para extinguir o interesse individual. Ao contrário, deveria atuar no sentido de que o interesse de cada ser humano fosse orientado ao serviço do bem comum, promovendo relações sociais solidárias.

Uma educação orientada para estes princípios e estendida para todos, deve ser a base de um mundo melhor com a presença de um ser humano mais consciente de seu papel no Universo.

centro de síntese

Hoje, a educação formal prioriza a informação sobre a formação. De tal forma que, quem “sabe” mais tem mais chances de aceder a níveis especiais de emprego, salários mais altos, benefícios maiores, função social de destaque como empresário, diretor de empresas, profissional diferenciado pela técnica, dentre outras atividades “premiadas” em nossa sociedade.

Estamos cansados de ouvir que quem tem um diploma se dá bem na vida, acedendo a níveis sociais diferenciados. Quem tem educação vai mais longe. Mas de que tipo de educação estamos falando?

A educação formal prioriza matérias como História, Pedagogia, Matemática, Letras, Ciências Biológicas, Filosofia e outras áreas do conhecimento. Não que isto não seja necessário, mas não ajuda na formação do homem integral. Não podemos confundir escolaridade com educação, informação com formação.

Ouvimos falar permanentemente que o problema da educação é a falta de verbas, os salários insuficientes para os educadores e a ausência de instalações apropriadas para que o ensino seja melhor. Será que efetivamente uma maior dotação de dinheiro resolveria o problema da educação?

Se estudarmos comparativamente escolas públicas e privadas poderemos ver a diferença de dotação entre ambas: nas primeiras, os salários dos professores são baixos, as instalações são inapropriadas e com falta de materiais, há falta ou insuficiência de equipamentos de informática, as atividades esportivas são limitadas, etc. Ao contrário, nas escolas privadas todos estes problemas estão relativamente resolvidos, por conta das mensalidades pagas pelos alunos.

Não por isto os professores das escolas privadas têm maior vocação como educadores. Sem falar que mais de 70% dos equipamentos de informática para os alunos são utilizados para

centro de síntese

acessar sites de pornografia e de violência. Na realidade, falta um critério educativo eficiente que possa mudar o sistema. Pensamos de forma quantitativa e não qualitativa. Apontamos para o número do que falta e não atinamos a procurar a essência do problema.

Ao analisar a nossa sociedade, verificamos que os nossos governantes e os detentores do poder econômico possuem, na sua maioria, alta escolaridade. São pessoas teoricamente “educadas” pelo sistema, mas que aprofundam o abismo da desigualdade, da corrupção e da imoralidade. Pessoas sem ética e moral, egoístas ou com defeitos morais graves é melhor que não tenham uma educação formal ou uma maior informação, já que isto maximiza seus defeitos.

Se não optarmos por uma educação com base ética e moral nunca sairemos do lugar onde nos encontramos. É muito mais importante o aprendizado das virtudes humanas do que a técnica. Esta você aprende em pouco tempo. O aprendizado das virtudes morais leva toda uma vida para se apropriar dela.

A educação se processa de forma setenária: dos 0 aos 7 anos se desenvolve o corpo físico. Dos 7 aos 14 anos, o corpo energético. Dos 14 aos 21 anos, o corpo emocional. Dos 21 anos em diante, o corpo mental. Se o ser adquire vícios nas três primeiras etapas educativas, quando chegar à etapa mental – na qual deverá tomar posse de sua vida – estará desviado e será muito mais difícil corrigi-lo.

A essência individual deve aparecer para tomar conta da situação ou então, a de outra pessoa, que vai cuidar para que as coisas andem pelo caminho correto. Esse é o papel, primeiro, da família e depois, do educador; os quais têm que saber como e o que fazer para poder fazê-lo bem. Não se trata de cada um empurrar para o outro a responsabilidade da educação. É um trabalho conjunto e coordenado para que o ser alcance o objetivo ao qual foi destinado.

O Homem Integral

O Centro de Síntese busca o Homem Integral. O homem de síntese é o homem integral.

Olhamos o céu e vemos os planetas que sempre se mantêm em seu lugar. A harmonia no Universo nos mostra que existe uma grande Lei Universal de evolução.

O homem consciente do Todo se põe a serviço dessa Lei da qual faz parte, de maneira plena, total. Perguntemos a um glóbulo vermelho o que é integrar o Todo. Ele é um glóbulo vermelho. Sua função como tal, ele a realiza integralmente. Ao cumprir acabadamente sua missão, entra em harmonia com o Todo de que faz parte: o corpo. Ele é o que é.

O ser que vivencia, experimenta, aprende, convive, pensando nas necessidades dos que o rodeiam, da sociedade, do planeta, constrói sua conduta. Nas diferentes situações, ultrapassando-se a si mesmo, sabe o que tem que fazer.

E o faz em forma natural. Por exemplo, se a batata subiu muito de preço, planta batatas sem reclamar e entrega o excedente da safra – se for o caso – a quem necessitar.

O fluir da vida o torna uma partícula de um conjunto que se desenvolve.

Poder dizer EU com maiúscula e pensar sempre em NÓS – como atitude – unifica o homem em si mesmo e o une ao conjunto que atua como um corpo, pelo desenvolvimento da vida.

Síntese implica unir tudo em si mesmo.

Enquanto considerar que existem coisas que agradam e outras que não agradam; enquanto esquivar o feio e apreciar o bonito – não serei síntese, não serei integral. Os pólos opostos me fazem estar desmembrado.

centro de síntese

Trabalhar com o Norte da Síntese dá a força para viver a Vida (com maiúscula). Tudo vibra com o mesmo ardor e com o mesmo interesse. Existe uma conexão com o Divino, com o Todo.

Assim, a vida egoísta, árida, se transforma em uma Voz Interior, silenciosa, de Presença. Irradia e se expande onde quer que se esteja, realizando qualquer tarefa. O soar límpido dessa Voz Interior rompe as correntes de inércia com que se viveu na etapa que termina, na qual o ser sempre esperou as respostas desde fora.

O homem integral abre as portas de seu coração. Está disposto a intervir em si mesmo e no meio – de forma desinteressada. O homem integral, o homem de síntese, deixa de bater em todas as portas suplicando pão. Ele mesmo se transforma em seu próprio pão.

Em seu coração descobre a luz que pode iluminá-lo, sustentá-lo. Um exemplo claro desta característica do homem de síntese são os peixes que vivem nas profundezas insondáveis dos mares. Como a luz do sol não chega até eles, tornam-se fosforescentes ou geram órgãos que os iluminam. Geram sua própria luz – em si mesmos. Não esperam que a luz do sol chegue até eles.

O sentir egoente é um sentir participativo. O ser se pergunta o porquê, o para quê, o como de sua vida e de suas atitudes. Está atento. Procura a Verdade em si e por si.

Autoconhecimento

Quando um homem toma consciência de si, produz uma reação em cadeia desse mesmo sentir nos outros homens.

Essa reação em cadeia poderia ter como imagem o exemplo de um grande jardim. Nele existem muitas flores, de muitas cores e formas diferentes.

Nós não podemos ver, mas cada uma delas influi na outra. Através da polinização – que é realizada pelos insetos, pelo vento – suas características se interpenetram. Um dia, com surpresa, vemos no jardim uma espécie totalmente diferente, uma nova cor, uma nova forma.

O fato de não ser visível a nossos olhos não significa que essa interpenetração não aconteça. Os seres humanos não sofrem polinização como as plantas, mas existe um intercâmbio de energias e vibrações. Um influencia o outro. É uma reação em cadeia. E um passo no desenvolvimento de um homem já significa um passo no desenvolvimento de todos.

Um dia vemos surgir um novo homem e ele, na verdade, é fruto do esforço de todos os outros que o antecederam!

O homem integral sabe quem é. Seu olhar abarca, de forma harmônica e impessoal, suas características como homem limitado e suas possibilidades como essência do Todo.

Conhecer-se faz com que o ser volte à fonte da vida em seu interior, que se conheça a si mesmo no silêncio absoluto de sua própria essência interna.

Como parte do Todo, o homem integral aprende a superar seu egoísmo, seus medos, seus apegos. Fazemos parte do todo, assim como qualquer célula de nosso corpo trabalha para o todo em unidade.

centro de síntese

Não se discute, não se fala de diferenças, senão que as diferenças se complementam.

As diferenças que existem não separam. Podemos dizer: você é tão diferente de mim! É ótimo que você seja assim, pois me permite ver aspectos que eu nunca vi – de mim e de todos. E esses aspectos podem ser usados de diferentes modos.

O trabalho no Centro de Síntese implica em um trabalho sobre si mesmo. Só o fato de introduzir um conhecimento sem o estímulo ao brilho do êxito ou ao apego já significa que se está trabalhando com a Síntese.

O autoconhecimento e o trabalho sobre si fazem surgir outro *gen-ético* (*gen*=programa). Nasce outro programa. Não somente aquele que determina a cor dos olhos ou do cabelo, mas também um modo diferente de viver e trabalhar, de estudar, de realizar qualquer tarefa.

Diante do medo, entram em jogo dois fatores: o temor e a renúncia. Por exemplo, diante de uma doença, posso temê-la e rejeitá-la. Ou então, tomá-la como oportunidade para aprender e evoluir.

O apego se transforma em responsabilidade. Por exemplo, cuidado de uma planta, de um ser. Mas não possuo esse ser: tenho responsabilidades para com ele.

A competição deixa de ter sentido e nasce de forma simples e natural um sentido de responsabilidade e de unidade. Os interesses de todos são os meus.

Com o autoconhecimento, nasce a transparência. O frescor de um novo homem. A “inocência original” de um ser humano que se transforma em um Ser Cósmico, que começa a conectar-se com o Cosmos internamente.

Ética

Ao referir-nos à Ética, deve ficar claro que não tratamos de um código imposto desde fora. Este aspecto não responde à determinação de normas externas sobre o que é “bom” ou “mau”.

A ética não está estruturada de forma igual para todos.

Como parte da formação de um Homem Integral, ela deve nascer de dentro, como uma necessidade do próprio ser, como resposta à ampliação de sua consciência.

Essa ética enfatiza o valor universal da pessoa, de sua vontade, de seu esforço, de sua responsabilidade. E atua sobre uma profunda humildade que coloca – em um dado momento – todos os valores, esforços e qualidades pessoais a serviço da Grande Obra Universal.

De forma geral, o fator histórico não levou a humanidade a uma consciência real de sua responsabilidade como tal. Todos desfrutam de todos os bens, das comodidades, de um saber que lhes foi legado por outros homens. Caminha-se por uma calçada, mora-se numa casa, tem-se luz elétrica, viaja-se de avião, usa-se um automóvel, desfruta-se e se diz: é meu, eu o paguei – e nada mais. Com esse conceito não se conhece o fator de responsabilidade que o homem tem frente aos demais. Esquece-se todo o trabalho e esforço de tantas vidas que tudo isso custou. Não são valores econômicos, mas valores vivos de esforço e sacrifício.

O homem diz conhecer seus fatores históricos, porém goza e nada mais. Com essa atitude, não faz outra coisa a não ser adquirir obrigações, cargas de dívidas, carma. Em uma palavra: recebe, recebe. “Que me deem, que tudo seja para mim.”

Há que ver se o esforço de dar tem uma relação compatível com o que se recebe. Senão, prepara-se outro processo histórico de dor para a Humanidade.

centro de síntese

O ser que vive este princípio transmite paz – porque ele está em paz. Nessa paz interior, os problemas pessoais se tornam menos significativos. Esse homem se interessa profundamente por todos os aspectos da vida: vê os fatos em sua real dimensão.

Por isso, tem tempo para tudo. Entrega-se com o mesmo amor tanto às grandes quanto às pequenas ações. Encontra plenitude, unidade e integralidade consigo mesmo em qualquer ação, por insignificante que seja.

ÉTICA, como renúncia ao culto da personalidade, como renúncia ao poder pessoal não significa uma negação ou uma aniquilação do mundo e da vida. Ela é como deixar a porta sempre aberta para uma comunicação profunda do ser universal com o Cosmos e com a sociedade humana. É a sutílização da conduta do homem como coerência com seu amor ao Divino.

Já não há tempo para procurar realizações pessoais. É preciso elevar os olhos para o alto e entregar-se ao serviço desinteressado, servir sempre com alegria. Ali, acabam-se os problemas. O problema fundamental do ser humano é seu próprio egoísmo.

Economia Providencial

A simplificação da vida faz parte desta nova consciência que surge. A felicidade não está na abundância de bens, mas na simplicidade da vida.

O homem participativo não pode usar da vida mais do que aquilo que lhe cabe. Não poderia sentir-se bem.

Diante de tanta fome que o rodeia, como poderia desperdiçar alimentos que não quer comer?

Diante de tantos desempregados e famílias desvalidas, como poderia viver rodeado de situações supérfluas?

Isto não significa que não possa desfrutar da vida. Mas também não pode viver separado. Não existem partes separadas. Os que estão a seu redor são parte dele mesmo.

Não joga fora o que pode ser aproveitado. As pequenas migalhas de pão em seu prato, ele as come. Utiliza as partes da verdura que são comestíveis e não somente as partes que a receita culinária lhe recomenda, preparando com as primeiras um novo prato.

A Economia Providencial leva a viver com o que se necessita e não mais. O que não se usa se destina a quem o necessite. É a circulação dos bens da vida.

Por trás destas palavras tão simples oculta-se toda uma economia energética, baseada numa mudança na relação do ser com os bens: não há posse. Somente uso.

Essa economia de vida atua não apenas no social, mas no cósmico. Une os que vivem em aparente abundância, aos que vivem em aparente carência. Não como caridade, mas como União. Não como bondade, mas como consciência do Todo.

Compreensão

Na perspectiva do Centro de Síntese, o Caminho do Conhecimento se funde com o Caminho da Vida, do Coração.

O homem integral está vivo, enraizado em seu diário viver. Não há separação entre o conhecimento e a vivência.

Ele é uma coisa só. Ele se tranforma numa unidade: seu pensar e seu sentir, sua razão e sua intuição, seu entendimento e sua ação.

Que saia o homem fora de si mesmo e olhe a imensidão do Universo, para a fonte da Criação, e terá, em seguida, um ponto de vista diferente. Que rompa os laços de seu egoísmo, em julgar-se como o único objeto da existência e logo mudará o panorama do conhecimento. Isso é fundamental e não pode ser alcançado a não ser com a Renúncia, detendo-se um momento na pendente que leva ao abismo e dizendo: "Não, meu caminho é outro". Basta esse instante, esse momento, esse ponto morto, para se ter um conceito do que se é e ver as possibilidades para o futuro.

Já não é um conhecimento processado exclusivamente pelo cérebro, mas uma sabedoria integrada, entre o cérebro e o coração. É uma nova função que se desenvolverá em um novo homem.

É uma chama viva de amor cósmico e ela deve ser mantida acesa. É ela a que vê o mundo. É a unidade com o Cosmos a que compreende: compreende não só os conceitos, mas a Vida. Já. Agora.

Com experiências muito simples podemos compreender que todos dependemos de todos: se experimentarmos cortar com os serviços de que usamos (água, luz, alimentos, etc.) veremos que sem o trabalho dos demais, não somos nada.

centro de síntese

Quando descobrimos que cada ser contribui com tudo o que lhe cabe – e também recebe tudo o que necessita receber da vida – vemos que em tudo há uma interação.

Eu – como ser individual – interatuo permanentemente dentro do conjunto. Assim, sei que – na medida em que atuo de forma consciente – minha presença no mundo é uma inter-relação. Necessito interatuar, dar na proporção em que recebo, agradecer e voltar a dar. Isso gera um fluxo energético: faz com que o corpo esteja vivo.

Por isso, é tão importante que todos aprendam a fazer de tudo. Não somente uma formação profissional: todos devem limpar o que sujam, aprender a lavar, cozinhar, cuidar de animais, satisfazer as verdadeiras necessidades do entorno.

Aprendizagem

Pode-se dizer que a aprendizagem não é aprender coisas novas, senão que é preciso retirar os véus de ignorância que existem entre nós e aquilo que realmente somos.

A Vida é o Todo. Quem ensina, aprende. E quem aprende, ensina. O trabalho de aprendizagem é um verdadeiro encontro com a Vida. O ser vai se desligando da prisão de seus problemas pessoais: o coração, os olhos internos se abrem cada vez mais amplamente para enxergar a Vida!

A transmissão já não pode ocorrer por palavras. Ela se dá por Presença. É uma questão de Ser.

Toda pessoa que É imprime sua pegada de luz naqueles que a rodeiam. Sua Presença não só é inspiradora, mas plasmadora. Quer dizer, sua imagem espiritual fica impressa nos demais seres.

Aqui aparece o fundamento essencial da formação de um homem integral: a Presença viva de alguém que se dispõe a ser ponte, condutor de energia, transmissor de luz.

Aquele que guia ensina por Presença. Aquele que é guiado aprende por ressonância de similitude. É um encontro da luz com a própria luz.

Essa é a essência da aprendizagem: ressonância por similitude. Vibrar em uma frequência mais alta. Sintonizar com a corrente de vida superior, de energia cósmica.

Há um trabalho interior para desprender-se de aspectos limitados. Ao deixar uma limitação, fica um “espaço livre” dentro do ser. Nesse momento, as correntes energéticas de vida superior podem penetrar.

O homem novo

O homem em geral – seja criança ou adulto – tal como existe hoje em dia, não pode ser visto como um ser consciente, no domínio pleno das suas faculdades mentais, emocionais e físicas. O ser humano "normal" não pode ser considerado como um "homem desperto", ou seja, plenamente alerta ou "desperto", frente aos estímulos do meio ambiente, já que está dormindo de olhos abertos. Ele reage aos estímulos, não é consciente.

Além de estar "dormindo", o homem apresenta, no decorrer da sua vida, um conjunto de comportamentos e reações que só podem ser consideradas como automáticas ou condicionadas. Assim, o comportamento do ser humano poderia ser instigado e controlado externamente, tanto fisicamente quanto no campo do pensamento e da emoção.

Esta constatação não é uma invenção ao acaso. Foi encontrada no Budismo, entre os Filósofos Pré-Socráticos, como Heráclito de Éfeso; na tradição Cristã (no episódio do Monte das Oliveiras, onde o Cristo sofre a agonia da antecipação do seu sacrifício, enquanto seus discípulos dormem – apesar de terem sido avisados para manterem a vigília); no Sufismo (através de frases e comentários feitos pelo Profeta Maomé e outras fontes); e na explicação do Quarto Caminho de Gurdjieff, mais recentemente.

Mas como fazer para que o homem consiga controlar-se a si mesmo e possa ser consciente de seu Ser, sem sofrer as ações exteriores? Exterior não significa falar só dos fatos externos ao homem, mas sim, de quaisquer elementos, sejam do meio exterior (a televisão, o cinema e mesmo as atividades rotineiras do dia a dia) ou interior (pensamentos, imagens, preocupações, ansiedades e, principalmente, fantasias).

centro de síntese

A chave para o "despertar", conforme disse Gurdjieff, estaria no "lembrar-se de si mesmo continuamente" para que a dimensão individual não viesse a se perder naquilo que ele chamou de "identificação externa".

Todas as vezes que o homem perde o contato com a sua própria identidade ou a sua "sensação de ser", há uma espécie de "transferência" automática e instantânea da qualidade de atenção – da sensação interna de "ser", para algum estímulo exterior que venha a lhe "chamar a atenção" naquele momento. Assim, com sua atenção sistematicamente voltada para os estímulos exteriores, o homem passa a "esquecer-se de si próprio", caindo novamente no "sono". A incapacidade de manter um nível "ótimo" de atenção faz com que o organismo, após algum tempo, não mais seja capaz de reconhecer a sua própria identidade. E passa a ficar "fascinado" com o desenrolar dos acontecimentos externos a si mesmo, entrando numa espécie de "transe" onde a característica principal é a perda do sentido de seu "Eu" permanente.

O homem deve saber que ele não é um, mas múltiplo. Não tem um "Eu" único, permanente e imutável, mas muda continuamente. Num momento é uma pessoa, no momento seguinte outra, pouco depois uma terceira e sempre assim, quase indefinidamente.

P. D. Ouspensky dizia que: o que cria no homem a ilusão da própria unidade é a sensação que ele tem de seu corpo físico, de seu nome – que nunca muda – e certo número de hábitos mecânicos implantados nele pela educação ou adquiridos por imitação.

Na realidade, não existe unidade no homem, não existe um centro único de comando, nem um "Eu" permanente. Cada pensamento, cada sentimento, cada sensação, cada desejo, cada "eu gosto" ou "eu não gosto", é um "eu" diferente. Esses "eus"

centro de síntese

não estão ligados entre si, nem coordenados de modo algum. Cada um deles depende das mudanças de circunstâncias exteriores e das mudanças de impressões.

Para que o homem possa se desenvolver e tornar-se um ser diferente, tem que unificar seus “eus” para ser coerente com seu viver em relação. O desenvolvimento não pode se basear na mentira a si mesmo, nem no enganar-se a si mesmo. O homem deve saber o que é seu e o que não é seu.

Deve dar-se conta de que não possui as qualidades que se atribui: a capacidade de fazer, a individualidade ou a unidade, o Ego permanente, bem como a consciência e a vontade. A mais importante e a mais enganosa dessas qualidades é a consciência. E a mudança no homem começa por uma mudança em sua maneira de compreender a significação da consciência; e continua com a aquisição gradual de um domínio da consciência.

A palavra consciência é quase sempre empregada como equivalente da palavra inteligência, no sentido de atividade mental. Na realidade, a consciência no homem é uma espécie muito particular de "percepção de conhecimento interior" independente de sua atividade mental e é antes de tudo, tomada de consciência de si mesmo, conhecimento de quem ele é, de onde está e, a seguir, conhecimento do que sabe, do que não sabe. Estados de consciência não se referem a pensamentos, sentimentos, impulsos motores e sensações. Não se pode confundir consciência com funções psíquicas.

Por meio de métodos adequados e esforços apropriados, o homem pode adquirir o controle da consciência, pode tornar-se consciente de si mesmo, com tudo o que isso implica. Deve estudar-se como estudaria qualquer máquina nova e complicada. É necessário conhecer as peças dessa máquina, suas funções principais, as condições para um trabalho correto, as causas de um trabalho defeituoso e outras coisas difíceis de descrever sem uma linguagem especial.

centro de síntese

Segundo Ouspensky a máquina humana tem sete funções diferentes:

- 1ª) O pensamento (ou o intelecto).
- 2ª) O sentimento (ou as emoções).
- 3ª) A função instintiva (todo o trabalho interno do organismo).
- 4ª) A função motora (todo o trabalho externo do organismo, o movimento no espaço, etc.).
- 5ª) O sexo (função dos dois princípios, masculino e feminino, em todas as suas manifestações).

Além dessas cinco funções, existem duas outras para as quais a linguagem corrente não tem nome e que aparecem somente nos estados superiores de consciência: uma, a função emocional superior, que aparece no estado de “consciência de si”, e outra, a função intelectual superior, que aparece no estado de “consciência objetiva”. Como não estamos nesses estados de consciência, não podemos estudá-las nem experimentá-las; só conhecemos sua existência de modo indireto, por meio daqueles que passaram por essa experiência.

Para avançar no desenvolvimento, o estudo de si deve começar pelo estudo das quatro primeiras funções: intelectual, emocional, instintiva e motora. A função sexual só pode ser estudada mais tarde, depois de essas quatro funções terem sido suficientemente compreendidas.

Na **função intelectual** ou função do pensamento, estão compreendidos todos os processos mentais: percepção de impressões, formação de representações e conceitos, raciocínio, comparação, afirmação, negação, formação de palavras, linguagem, imaginação, e assim por diante.

A **função emocional** é o sentimento ou as emoções que sentimos: alegria, tristeza, medo, surpresa, etc.

centro de síntese

Confundimos pensamentos e sentimentos em nossas maneiras habituais de ver e de falar, mas para começar a estudar-se a si mesmo, é necessário estabelecer claramente a diferença entre eles.

As duas funções seguintes, instintiva e motora, reter-nos-ão por mais tempo, pois nenhum sistema de psicologia comum distingue nem descreve corretamente essas duas funções.

A **função instintiva**, no homem, compreende quatro espécies de funções:

1^a) Todo o trabalho interno do organismo, toda a fisiologia por assim dizer: a digestão e a assimilação do alimento, a respiração e a circulação do sangue, todo o trabalho dos órgãos internos, a construção de novas células, a eliminação de detritos, o trabalho das glândulas endócrinas, e assim por diante.

2^a) Os cinco sentidos, como são chamados: a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato; e todos os demais, como o sentido de peso, de temperatura, de secura ou de umidade, etc., ou seja, todas as sensações indiferentes, sensações que não são, por si mesmas, nem agradáveis nem desagradáveis.

3^a) Todas as emoções físicas, quer dizer, todas as sensações físicas que são agradáveis ou desagradáveis; todas as espécies de dor ou de sensações desagradáveis, por exemplo, um sabor ou um odor desagradável, e todas as espécies de prazer físico, como os sabores e os odores agradáveis, e assim por diante.

4^a) Todos os reflexos, até os mais complicados, tais como o riso e o bocejo; todas as espécies de memória física, tais como a memória do gosto, do olfato, da dor, que são, na realidade, reflexos internos.

A **função motora** compreende todos os movimentos exteriores, tais como caminhar, escrever, falar, comer, e as lembranças que disso restam; e movimentos – que a linguagem

centro de síntese

corrente qualifica de instintivos, como o de apagar um objeto que cai, sem pensar nisso.

A diferença entre a função instintiva e a função motora é muito clara e fácil de compreender; basta recordar que todas as funções instintivas, sem exceção, são inatas e não é necessário aprendê-las para utilizá-las; ao passo que nenhuma das funções de movimento é inata e é necessário aprendê-las todas; assim, a criança aprende a nadar, aprendemos a escrever ou a desenhar.

As quatro funções: intelectual, emocional, instintiva e motora devem, antes de tudo, ser compreendidas em todas as suas manifestações: depois, é preciso observá-las em si mesmo. Essa observação de si, que deve ser feita a partir de dados corretos, com prévia compreensão dos estados de consciência e das diferentes funções, constitui a base do estudo de si, isto é, o início da psicologia.

É muito importante recordar que, enquanto observamos as diferentes funções, cumpre observar ao mesmo tempo sua relação com os diferentes estados de consciência.

Tomemos os três estados de consciência: sono, estado de vigília, lampejos de consciência de si e as quatro funções: pensamento, sentimento, instinto e movimento.

Essas quatro funções podem manifestar-se no sono, mas suas manifestações são então desconexas e destituídas de qualquer fundamento. Não podem ser utilizadas de maneira alguma; funcionam automaticamente.

No estado de consciência de vigília ou de consciência relativa, elas podem, até certo ponto, servir para nossa orientação. Seus resultados podem ser comparados, verificados, retificados e, embora possam criar numerosas ilusões; no entanto, só contamos com elas em nosso estado ordinário e devemos usá-las

centro de síntese

na medida em que podemos. Se conhecêssemos a quantidade de observações falsas, de falsas teorias, de falsas deduções e conclusões feitas nesse estado, cessaríamos completamente de crer em nós mesmos.

Até aqui, as impressões de Ouspensky sobre o homem. Ele queria demonstrar que, para que a evolução do ser se processe, é necessário um conhecimento profundo da realidade humana, não só no aspecto psicológico, mas em tudo o que tenha a ver com a vida de relação.

Sem conhecer a essência do homem seria impossível traçar um caminho de educação e desenvolvimento que permitisse mudar radicalmente a sua visão do mundo e comportar-se de forma diferente do que o faz neste momento.

Multiplicidade dos “eus”

O ser humano pensa que é um ente individual e que está no comando de sua mente a todo instante. Esta característica é devida a uma autoimagem – com a qual ele se identifica, e que lhe confere uma sensação de “eu” ou identidade, mas são apenas projeções da personalidade ou ego, e a sensação de ser. Assim, as pessoas comuns, em seu dia a dia, vivem suas vidas como se elas fossem seus próprios egos – um conjunto de qualidades ou defeitos, lembranças, pontos de vista, pensamentos, ideias, experiências que caracterizam a vida e a identidade de cada um e que são chamados de “múltiplos eus”.

Sendo um processo inconsciente, as pessoas não percebem a mudança de um “eu” para outro e sentem como se existisse uma continuidade de identidade. Isso impede que o ser tome consciência de si mesmo, mudando suas opiniões, desejos e relações permanentemente.

Imagine uma empresa familiar dirigida por muitos donos, cada um deles com visões diferentes do mundo dos negócios. O pai delegou aos filhos a direção da empresa, na qual todos mandam e propõem coisas diferentes, muitas vezes contraditórias. Os colaboradores da empresa vão trabalhando conforme as ordens de cada um, fazendo uma coisa agora e desfazendo-a depois, por outra ordem em sentido contrário.

Exatamente isto é o que acontece no nosso interior. Definitivamente o dono original da empresa, o pai ou, em nosso caso o Eu permanente, tem que assumir o comando para não causar maiores problemas aos negócios. E isto só ocorre quando o indivíduo toma posse de sua identidade original, sua consciência real, sua vontade.

Acontece que, depois do nascimento, o homem é submetido a influências e fatores externos que começam a formar nele

centro de síntese

aquilo que chamamos de personalidade. O seu rápido incremento detém o desenvolvimento da Essência original que fica adormecida. Trocamos o “Eu principal” por numerosos “eus” secundários que vão pautar nossa vida daqui em diante.

Nada é possível fazer pelo homem, se não unificar todos seus “eus”. E essa é a tarefa que o Centro de Síntese precisa desenvolver para permitir que seu aluno seja uma unidade integral, com consciência de si e que possa se transformar no novo homem que pretendemos. Sem essa unidade, hoje será uma coisa e amanhã será outra, tomando atitudes diversas.

Temos que criar uma estrutura que seja capaz de propiciar uma nova forma de sentir-se a si mesmo. Ela deve ser livre de condicionamentos, associações e julgamentos, portanto mais abrangente: que possa aproximar o indivíduo da sensação primordial da própria Essência. Este novo estado, onde a sensação de ser se coaduna com a Essência, ao invés de identificar-se com o ego, é chamado de Presença.

Presença significa sentir: “eu estou aqui e agora”, e isto determina que o homem possa desenvolver-se e conhecer-se a si mesmo, livre das restrições da personalidade.

A Presença é um estado a ser desenvolvido depois que o aluno já tem alguma prática com as técnicas da Recordação de Si e da Auto Observação. A primeira é um estágio inicial, onde a criança estabelece um contato com sua Essência e busca voluntariamente recordar-se desse contato de forma constante. A Auto Observação, é uma técnica que visa desenvolver no indivíduo a capacidade de observar os eventos e, ao mesmo tempo, observar a si mesmo de forma imparcial e sem preconceitos nem julgamentos.

Ubuntu

Vale à pena citar uma palavra e seu significado para expressar o que pretendemos realizar no Centro de Síntese. Esta palavra foi associada à luta contra o *apartheid* e inspirou Nelson Mandela no seu trabalho, o qual disse: *"Ao contrário do homem branco, o africano quer o universo como um todo orgânico que tende à harmonia e no qual as partes individuais existem somente como aspectos da unidade universal"*.

Ubuntu é uma ideia filosófico-religiosa sul africana que exprime um conceito ético-moral, uma filosofia, um modo de viver com altruísmo, fraternidade e colaboração entre os seres humanos, oposto ao egocentrismo e individualismo, tão comuns em nossa sociedade atual.

Num sentido espiritual, as pessoas não devem levar vantagem pessoal em detrimento do grupo. Para que uma pessoa seja feliz é preciso que todas as do grupo se sintam felizes. Ubuntu é um sistema de crenças, uma ética coletiva e uma filosofia humanista pautada em altruísmo, fraternidade e colaboração entre os seres humanos.

Um breve conto, encontrado na literatura mundial, pode ilustrar a ideia que queremos manifestar:

Um antropólogo estava estudando os usos e costumes da tribo Ubuntu e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta para casa. Como ainda tinha muito tempo para o embarque, propôs então uma brincadeira para as crianças que ali estavam, achando ser inofensiva.

Comprou um tanto de doces e guloseimas na cidade próxima, colocou tudo num cesto bem bonito com laço de fita e o colocou debaixo de uma árvore. Aí ele chamou as crianças e combinou que, quando dissesse "já!", elas deveriam sair

centro de síntese

correndo até o cesto; e a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro.

As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse “Já!” instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes.

O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou por que elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo o que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam:

- Ubuntu, tio. Como um de nós poderia ficar feliz se todos os outros estivessem tristes por não ter os doces?

Ele ficou pasmo. Meses e meses trabalhando nisso, estudando a tribo e ainda não havia compreendido, de verdade, a essência daquele povo.

Ubuntu significa: “Eu sou porque nós somos”; ou, em outras palavras, “Eu só existo porque nós existimos”.

Centro de Síntese

Para poder ativar as funções mais nobres do ser humano - ativação terrestre e cósmica - é necessário que exista um lugar energético, apto a canalizar essas correntes de vida superior. Essas correntes que serão a terra propícia para a germinação de um homem integral – para a germinação de um homem consciente.

O Centro de Síntese deve estar enraizado num espaço físico, preparado, trabalhado, projetado com amor: que as pessoas que cheguem ali – sejam crianças, adolescentes ou adultos – possam trabalhar em um ambiente de paz, harmonia e beleza.

Um ambiente simples e natural, que permita que se desenvolvam livres das emoções negativas, da competição, vivendo como partes do Todo com respeito e responsabilidade. Seres que vivam a serviço, na alegria de dar-se.

Então, nessa liberdade, podemos transcender os limites para chegar a ser um Ser Humano em sua totalidade.

O Centro de Síntese propicia os meios para que cada ser possa construir dentro de si, outro tipo de homem e de coração.

Em contato com a natureza, descobrir suas leis, atender necessidades – tanto de seu entorno físico quanto dos seres que o cercam.

Isso permite entrar paulatinamente em sintonia com as Leis do Cosmos. Nas quais a ética, a assistência, as virtudes, o trabalho desinteressado, a alegria e a plenitude estão sempre presentes como tônica da existência.

O que aprendo? Aprendo a respeitar-me, aprendo a respeitar, aprendo a descobrir e a expressar o belo, a amar, a dar, a cuidar e a servir a Vida. Sobretudo, aprendo a descobrir a

centro de síntese

inter-relação que existe entre minha vida e meu entorno. Entre o que dou e o que recebo. Aprendo a descobrir que tenho muito para dar.

O trabalho de síntese pode ministrar a teoria, a prática e a síntese. Em um só dia, pode ser feito todo o ciclo de vida de um ser vivo desde seu nascimento, sua relação com o entorno, com os astros – coisas que antes talvez levassem anos para serem transmitidas.

Este novo enfoque leva em conta que novas mentes humanas estão chegando com um mapa genético diferente. Já existem alguns seres com esse novo tipo de mente: se forem superados o medo e a culpa, se essa mente puder alcançar uma ordem simples, esse ser poderá evidenciar toda a capacidade que traz em si, como homem de síntese.

Conforme a visão platônica, o sistema educativo deveria procurar testar as aptidões dos alunos para que apenas os melhores, os mais aptos a receber o conhecimento recebessem a formação completa para serem governantes, já que os detentores do poder público deveriam ser guiados pela sabedoria, assim como os filósofos. Este sistema educacional, planejado por Platão, determinava a renúncia do ser individual em favor da comunidade, do ser social. O processo educativo deveria ser longo porque ele acreditava que o talento e o gênio se revelam aos poucos, paulatinamente.

Platão, por outro lado, defendia que todo conhecimento pré-existia na alma humana, e que o novo aprendizado, na realidade, era um lembrar-se do passado. Ele dizia que não era possível ou desejável transmitir conhecimentos aos alunos, mas antes de tudo, o professor devia guiá-los na procura das respostas a seus questionamentos, deixando que as crianças se desenvolvessem de forma livre, sem autoritarismo educacional. Era mais importante a busca pela verdade do que o próprio dogma da

centro de síntese

educação, de modo que o estudante pudesse pensar a respeito do seu pensamento e ter consciência de sua própria consciência.

Isto era possível porque naquele tempo não havia o apelo a tantos bens de consumo e a ambição dos cidadãos em termos de desenvolvimento pessoal era mais discreta que aquela que temos hoje. Se Platão houvesse vivido neste tempo, talvez tivesse reformulado sua teoria filosófica já que, embora atual, deixa brechas enormes para o individualismo, a corrupção, o consumo e a exploração do homem pelo sistema. A moralidade e a ideia do bem podem ser entendidas hoje, mas elas se esfacelam diante do egoísmo e do egocentrismo humano.

Por tudo isso, é importante a criação de um sistema educativo diferente, integral, no sentido estrito do termo. Um sistema que transmita conceitos de ética e moral não de forma teórica, como é dado nas escolas formais, mas de forma prática, de modo a conseguir um ser egoente que respeite sua individualidade em função do Todo, em lugar de priorizar seu próprio conforto em detrimento dos seus semelhantes.

Diversamente da educação tradicional – que propõe ampliar a capacidade intelectual do aluno sem se aprofundar muito no crescimento de outras áreas da vida – a educação integral visa auxiliar os alunos em seu desenvolvimento como ser humano em todas as dimensões: cognitiva, estética, ética, física, social, afetiva e espiritual, ou seja, como um todo unificado, a fim de forjar uma nova forma de relações humanas.

O Centro de Síntese não pode nem deve cair na armadilha do sistema que propugna desenvolver um ser humano especial, a fim de que possa ascender individualmente na escala social. Deve formar um ser egoente, no sentido literal da palavra, que possa se desenvolver com o olhar para o coletivo, para o grupo social, para o Todo.

centro de síntese

Quando o egoísmo, o egocentrismo, a avareza e outros aspectos do nosso caráter nos desumanizam, tornamo-nos irresponsáveis, injustos e insensíveis à dor e ao sofrimento do nosso semelhante. Isto está tão consolidado em nosso mundo que pode ser encontrado em todos os setores da sociedade e na maioria dos grupos sociais onde a competição é inevitável, o que nos transforma em objetos, números, mão de obra barata e escravos do próprio homem e do sistema.

Para combater o individualismo humano, temos que começar por nós mesmos, abdicando de todos os preconceitos e discriminações de qualquer natureza em relação aos outros, assumindo uma posição de respeito para com os postergados. Principalmente pelos evidentes descasos sociais, levando esperança e solidariedade para combater o sistema que nos oprime, adotando uma forte relação de ajuda mútua. Precisamos acabar com a competitividade e passar a usar a cooperação como nova forma de vida.

Hoje vivemos em permanente competição, na qual alguns ganham e outros perdem, mesmo que os primeiros fiquem muitas vezes infelizes – porque nada garante que não se transformarão em perdedores um pouco mais adiante. Embora a competitividade nos torne cada vez mais eficientes, nossa vida se torna mais difícil e vazia, surgindo a ansiedade e a angústia existencial, pois ficamos autoexcluídos dos chamados menos favorecidos, acentuando a divisão social do mundo.

Sempre fomos ensinados a admirar os ganhadores e a buscar a vitória a todo custo, em casa, na escola e em toda parte, precisando sempre vencer o jogo da vida. Até nossos pais e a família toda, muitas vezes exigem que sejamos superiores aos nossos colegas, passando a ser admirados na escola quando somos os melhores e ridicularizados quando ficamos para trás. Poucos são os vencedores e muitos mais são os

desvalorizados, promovendo discórdia e mais competitividade em um círculo vicioso que não acaba nunca.

A competitividade é considerada essencial para o sucesso profissional e no aspecto pessoal. Mas essa prática acentua mais a separação entre os que ganham e os que perdem, sendo superestimada na prática como meio para alcançar o sucesso, o controle, a posse e o poder em nossa vida de relação. Precisamos incorporar outros valores, baseados na tolerância, na solidariedade, no respeito mútuo, no trabalho coletivo e na cooperação, superando a ideia de que a competição seja o meio que garante às pessoas as melhores oportunidades e condições de sobrevivência no mundo.

Precisamos desenvolver outras atitudes que contribuam para a formação de um ser humano mais colaborativo, como atores que somos no teatro da vida. A mente humana, com a aptidão proativa de pensar em forma crítica, alargou os limites do pensamento, produziu novas formas de pensar e impeliu sua própria elevação a um patamar superior, capaz de estabelecer novas hipóteses e elaborar novas teorias. Isto é o que vai permitir que o homem avance em seu estado de compreensão e de entendimento do mundo, permitindo-lhe que possa evoluir para um estágio de consciência superior.

Este vai ser o papel de nossa escola, o de ampliar a visão do novo mundo em gestação, para que o ser possa caminhar rumo a seu destino final. Participar desta educação significa para nós: estudar os aspectos físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social do homem. O primeiro se refere ao crescimento orgânico, à maturação neurofisiológica, à capacidade de manipular objetos e ao exercício do próprio corpo. O segundo diz respeito à capacidade de pensar e de raciocinar. O terceiro se refere à forma particular que cada indivíduo tem para integrar suas experiências e sentimentos. O último representa o modo como o indivíduo reage diante das situações que envolvem outros seres.

centro de síntese

O objetivo deste estudo é fundamental para promover a formação do homem integral, levando em conta: os fatores que influenciam seu desenvolvimento, a carga genética de sua hereditariedade, a aparência física, a maturação neurofisiológica e a influência que sofre do meio ambiente que o cerca e que o limita. É necessário que o homem alcance, de forma urgente, níveis mais elevados de consciência que possam propiciar um significado maior à sua vida.

Isto se aplica não somente à criança que está começando a se desenvolver. Aplica-se também ao adolescente e ao homem adulto. Estes possuem uma educação distorcida, não integral e colocam seu ego no lugar principal das relações humanas, permitindo que o mundo permaneça no obscurantismo que lhe foi legado por tantos anos de individualismo.

Como fazer?

Em primeiro lugar – e já que o mundo atual é outro e não podemos retirar a criança do seio familiar, mesmo quando se trata de formar indivíduos militares ou religiosos (visto que esses eventos se dão na adolescência, quando a criança praticamente já foi instruída e (de)formada) – é imperativo trazer a família para a sala de aula ou algo similar. Isso permitirá acompanhar de perto os objetivos escolares previamente fixados.

É impossível separar escola, família e comunidade, já que, se o indivíduo é aluno, filho e cidadão ao mesmo tempo, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola, pois o aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação, do cotidiano. Desta forma, é preciso que professores, família e sociedade tenham claro que a escola precisa contar com o envolvimento de todos.

A presença da família (pais ou responsáveis) na vida escolar influencia de forma positiva a aprendizagem, melhorando o desempenho do aluno, fazendo com que ela se dê conta do valor da educação e se motive para buscar melhores resultados.

Nessa etapa, a criança entra em contato com algumas características necessárias para obter sucesso na procura pela sua integralidade, tais como disciplina, respeito pelos outros, responsabilidade, visão coletiva do ser humano em relação ao Todo e, principalmente uma visão pessoal de sua relação com o Universo. Quando se trata do seu aprendizado, sua proximidade com a família no seio da escola torna esse processo mais natural, auxiliando no desenvolvimento de seu ser.

Para conseguir os resultados esperados, é preciso que haja um planejamento prévio de palestras e reuniões com a participação de todos os atores, professores, alunos e família,

com a frequência necessária para permitir avançar no plano fixado. A dificuldade de promover este tipo de reuniões estriba no compromisso que pais ou responsáveis têm com relação a seu trabalho na sociedade, mas se pode escolher um horário fora dessa obrigação para que todos possam participar, inclusive aos sábados e feriados.

Os envolvidos devem estar conscientes do alcance do programa, qual seja o de formar as crianças de forma integral, dando especial ênfase nas virtudes, ética e moralidade do ser humano em relação com a comunidade e seus pares. Neste sentido, a formação dos pais é fundamental para não haver dupla informação, o que prejudicaria o aprendizado. Se o professor ensina que a mentira é amoral, não é possível que os filhos descubram os pais em algum tipo de mentira. Se falarmos em cuidar do planeta e não jogar lixo na rua, obviamente os pais têm que ser o exemplo. Se dissermos que temos que ser generosos e altruístas, não pode haver dúvidas quanto à posição da família em ajudar a quem precisa.

Como isto não é muito comum hoje em dia, é importante que os professores insistam com os pais sobre esta realidade, de forma permanente. Mas para isto, os próprios professores têm que estar convictos do ensinamento que estão propondo. Por isso, é fundamental sua permanente capacitação.

Os eventos participativos na educação cumprem um papel importante na formação do aluno: festas tradicionais como festa junina, dia do estudante, dia dos pais, dia dos professores; gincanas educativas como busca do tesouro; datas de eventos culturais como teatro, música, literatura; concursos de todo tipo como os de poesia, de contos, de ginástica; e outros eventos que sejam compartilhados por todos os atores. Além de não deverem ser vistos como um peso, eles devem ser motivo de alegria e de reflexão, já que promovem a troca de experiências,

centro de síntese

favorecem a comunicação, estreitam os laços entre os atores e fortalecem o aprendizado de todos, em geral.

A participação dos pais em atividades esportivas da escola como ginástica, jogos coletivos, danças folclóricas e regionais, entre outras atividades, evidencia uma preocupação com o sistema relacional da criança, valorizando seu engajamento social, fazendo-a perceber a importância do evento em si e não dos resultados alcançados.

Palestras, debates, filmes e “contação” de histórias por parte dos atores favorecem muito o desempenho do aluno e da família em relação à sociedade em que vivem. Deve ser feito um planejamento anual para a discussão de temas transcendentais como a história de cientistas, sábios e religiosos, assim como contos e histórias que enalteçam a moralidade, a ética e os bons costumes.

É importante que a escola e a família, junto com os alunos, discutam o uso de informações sociais que possam ser negativas para o aprendizado se não for controlado seu conteúdo. Internet, redes sociais, telefones celulares, televisão e outros aspectos da comunicação podem ser nefastos quando mal utilizados.

A escola deve promover uma rede social com pais e alunos, a fim de fomentar o aprendizado na direção proposta. Conteúdos de sala de aula, presença do aluno na escola, desempenho dos estudantes em relação ao programa – não somente o pedagógico, mas o de relação com os demais – fotos de eventos esportivos e educativos dentre outros, permitirão certamente uma integração entre família e escola, muito produtiva para o avanço da criança no seu aprendizado.

A presença da mulher no mercado de trabalho para ajudar na renda familiar, a competitividade social, a falta de compromisso por parte dos educadores em promover atividades fora da aula, a demarcação de limites de participação da família dentro da escola

por parte da direção e a falta de interesse pelos problemas sociais devido à alienação da população – são fatores que evidenciam uma dificuldade crescente na obtenção dos resultados em direção aos objetivos propostos.

Comunidade e escola devem atuar responsavelmente como parceiras de caminhada, pois ambas são responsáveis pelo que fazem em relação à educação da criança. Precisam criar, através da educação, uma força para superar suas dificuldades, criando uma identidade própria e coletiva, atuando juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento integral do aluno.

Em quase todas as comunidades há uma escola. Então, é correto dizer que a escola faz parte da população, assim como também diretores, professores e pessoal de apoio fazem parte da comunidade escolar. Quando os professores são do próprio entorno e permanecem com as mesmas características de inserção social de antes, há uma grande possibilidade de uma interação positiva entre a comunidade e a escola.

É muito comum que os alunos num bairro, vila ou município, não conheçam o local ou a região em que vivem com sua família, devendo os professores levá-los a conhecer e se familiarizar com esse lugar, fazendo uma relação com os aspectos geográficos, políticos, culturais, econômicos e sociais de sua comunidade.

Uma vez conhecida a região e sua idiossincrasia, devem formar-se parcerias para usufruir o que a comunidade tem de melhor para beneficiar a escola, tais como, prestação de serviços voluntários para auxiliar os professores com aulas de culinária, artesanato, informática, “contação” de histórias; ou até na manutenção do espaço físico do prédio, como quadra poliesportiva, piscina, laboratório de informática, biblioteca, sala de ginástica, dentre outras, para que as crianças possam ver que é possível melhorar a qualidade do ensino.

centro de síntese

Para que uma aproximação aconteça, a escola é quem tem de tomar a iniciativa de promover meios para atrair a população para dentro da instituição. O primeiro passo para uma interação positiva entre escola e comunidade é o conhecimento da própria comunidade por parte escola. Isto vai fazer com que ela possa elaborar um plano ou projeto político-pedagógico que contemple as necessidades reais do bairro em que está inserida.

Quando todos os participantes do sistema educativo estiverem engajados no projeto de Síntese, o próximo passo deve ser o de tentar determinar claramente o que queremos e como poderemos fazer isso que queremos.

Se o objetivo é criar o homem novo, integral, de Síntese – que possa participar ativamente da formação de um novo mundo – a criança deve enveredar por um treinamento que possibilite a sua própria transformação, enquanto se trabalha concomitantemente com a família e a comunidade para que possam participar ativamente deste projeto.

Sabemos que, independentemente do tipo de comunidade ou família ao qual a criança pertença, seja rica ou pobre, negra, branca, indígena ou amarela, agnóstica, espiritualista ou religiosa, ela terá suas crenças ou princípios morais transmitidos por seus pais ou responsáveis. E, se nada for feito no sentido de padronizar e unificá-los, estas ideias serão transmitidas para as próximas gerações, na forma em que estão. A maturidade dos valores adquiridos na família se consolida e se complementa com os adquiridos na escola e na comunidade.

A palavra moral significa costume. Podemos descrever a moral como as normas de conduta que uma sociedade utiliza, para permitir um equilíbrio entre os anseios individuais e os interesses coletivos.

A ética tem um significado muito próximo ao da moral e também significa conduta, modo de agir, mas o que diferencia a

centro de síntese

moral da ética é o sentido etimológico, no qual a moral tem como propósito estabelecer um convívio social de acordo com o que foi determinado pela sociedade; já a ética é definida como uma filosofia moral, na qual se busca entender o sentido dos valores morais, criando argumentos para justificar as ações.

Desta forma, ser ético significa ser responsável por suas atitudes, procurando os meios de contribuir para uma sociedade melhor, sendo honesto em qualquer circunstância e tendo coragem de assumir os erros cometidos na vida de relação.

Hoje ouvimos notícias e relatos de desvio de dinheiro, corrupção e atos ilícitos de todo tipo. E, ao mesmo tempo, uma porção de pessoas clamando pela “moral e bons costumes”, sem ver que eles mesmos praticam os atos que condenam. Há uma prática de “moral elástica” que funciona conforme a conveniência própria em cada situação.

Qual é a diferença entre roubar milhões e guardar no bolso um chocolate furtado do mercado? Ou estacionar numa vaga especial reservada para idosos ou cadeirantes, quando não o somos? Ou comprar um diploma escolar para nós ou para nossos filhos, sem haver cursado a matéria? Ou falsificar dados para conseguir uma aposentadoria ou uma meia-entrada no cinema?

Como podemos ensinar nossos filhos a não mentir quando nós mesmos mentimos permanentemente? Dizemos a eles para separar o lixo em casa e jogamos papéis e embalagens nas ruas da cidade... Se as nossas ações dependem da conveniência do momento, com pouco poderemos contribuir para o social e estaremos destinados a viver num mundo cruel, que nós mesmos ajudamos a criar e a sustentar.

Formação de Educadores

A situação dos educadores – que muitas vezes têm que enfrentar uma carga horária elevada, com salas de aula superlotadas e que, devido à baixa remuneração recebida têm que trabalhar em mais de uma escola – não permite dedicar tempo para pensar em realizar atividades extra-classe que envolvam a comunidade, permanecendo só no básico da educação, na rotina do dia-a-dia. A população, por sua vez, não demonstra muito interesse pela coisa pública e não reivindica sua participação em busca de melhoria e qualidade dos serviços prestados pelo Estado. Desta forma, se a escola mantém a frequência dos professores e distribui a merenda para os alunos, a comunidade pensa que isto já é o suficiente e se conforma.

Não se pode permitir que as escolas façam diferenças – recebendo, por comodidade, os filhos da classe média ou alta porque estes já chegam com um determinado grau de instrução com relação à leitura e escrita, porque seus pais têm um grau de escolaridade maior do que os da classe trabalhadora. Às vezes, as crianças de pais pobres, que geralmente são analfabetos, chegam à escola sem saber quase nada, ou sabendo coisas erradas, porque seus pais não têm condições de ensiná-los.

Por tudo isto, é importante e necessária a educação integral, a educação de Síntese, que permitirá um novo modelo social. Que forme seres humanos egoentes que irão transformar o planeta, criando um novo paradigma de relações e um convívio harmônico que realmente transforme o mundo em que vivemos.

Este novo modelo social não ocorre pelo simples desejo de mudança, mas pela ação direta de pessoas esclarecidas que possam transmitir as bases de uma nova educação, desde que estejam capacitadas para isso. Formar uma criança neste novo modelo – embora trabalhoso – é relativamente fácil porque a mente infantil está aberta a receber ensinamentos novos, sem ter

centro de síntese

o preconceito de uma informação anterior deturpada. No caso dos adultos, os educadores, assim como a família e a sociedade, já têm uma formação anterior e um método de vida diferente do novo modelo, o qual aspiramos delinear.

O educador deve cumprir certos requisitos para poder educar. Em primeiro lugar, deve ter amor pelo que faz, já que dele depende o futuro de muitos seres que desejam preparar-se para a vida. Em segundo lugar, deve ter muito claro o alcance do tipo de educação que irá desenvolver no seio da escola. Em terceiro lugar, deve estar disposto a ter um regime de educação continuada para sua formação teórica e prática, nos aspectos pedagógico, social, humanitário e inclusivo. Estamos falando de uma nova Pedagogia Ética-moral que deve ser matéria de estudo obrigatória no currículo dos educadores, devendo ser reciclada permanentemente.

O desenvolvimento profissional do educador não deve limitar-se somente a cursos didáticos de formação de professores. Deve incluir o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida como professor, o desenvolvimento de uma gestão escolar de qualidade, aliados a diversas práticas pedagógicas com perspectiva histórica e foco nos objetivos da educação de Síntese. Pensar criticamente na prática educativa de hoje e de ontem pode melhorar a prática de amanhã. Há uma necessidade imprescindível de que o educador possa adequar o conteúdo do seu programa ao nível cognitivo e à experiência das crianças para que possa ser compreendido em sua totalidade, a fim de preparar o homem integral do futuro.

O professor começa o aprendizado na sua infância, na escola e na família. Um mau sistema escolar forma não só maus alunos, como também maus professores que, por sua vez, reproduzirão este círculo vicioso e empobrecerão cada vez mais a educação. Além do mais, uma família desestruturada, sem visão formativa e

centro de síntese

sem métodos e objetivos claros, não contribuirá com o sistema educativo prejudicando a formação de seus filhos e de toda a sociedade.

A Escola de Síntese tem por finalidade fornecer atividades para desenvolver os aspectos de integralidade da educação, já que, sendo um elemento social de suma importância, ela deve refletir a realidade concreta na qual o ser social vive, atua e a qual muitas vezes procura transformar.

Tem que objetivar a formação de indivíduos autônomos, pensantes, ativos e capazes de poder participar da construção de uma sociedade melhor. Todas as crianças, sejam quais forem suas origens familiares, sociais, étnicas, políticas ou religiosas, têm direito ao desenvolvimento máximo que sua capacidade comporta, não devendo ter outra limitação além de sua competência para o aprendizado do método proposto.

Além do desenvolvimento intelectual dos alunos, é importante saber que todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas, sendo o indivíduo um resultado de um processo social, histórico e, principalmente, de relação com os outros. Neste sentido, a família e a sociedade em que vive cumprem um papel fundamental em seu desenvolvimento como ser humano integral.

Relações Familiares

Vemos muitas vezes como, no seio familiar, as decisões dos pais – nem sempre equilibradas, direcionadas por caprichos e interesses avaros – impelem a criança e o jovem, desequilibrados ainda, para o convívio com outras crianças e jovens igualmente imaturos que passam pela mesma situação.

Muitas vezes a responsabilidade da função familiar é delegada a funcionários do lar, esquecendo-se de propiciar o afeto que o interesse e a necessidade dos filhos requerem, criando sentimentos de revolta social e familiar; muitas vezes, devido à existência de dificuldades financeiras, pelas quais os pais têm que trabalhar fora, na maior parte do tempo.

Há bastante dificuldade no diálogo necessário com os filhos, impelindo-os para o autoaprendizado, por conta da falta de interação familiar, normalmente fora da família, nas ruas, com as conseqüências conhecidas.

Muitos pais e mães que trabalham durante o dia, quando chegam em casa cansados, sentam-se em frente à televisão para assistir a seus programas favoritos. Não se dão conta de que conhecem profundamente os personagens da ficção, mas não conhecem, nem se preocupam em saber, como seu filho foi na escola, se ele tem tido algum tipo de problema, se está bem, se está gostando do colégio e de seus professores. Enfim, pais e filhos são estrangeiros em seus lares, e as crianças acabam procurando nas ruas alguém para poder falar.

Falta diálogo no ambiente familiar, falta amizade, afetividade e, conseqüentemente, falta respeito. As conseqüências da ausência dos pais na vida de seus filhos são muitas. O papel de educar passa a ser da escola, das ruas, de televisão e internet, onde, sem monitoramento algum, os filhos fazem o que querem e assistem a programas que influenciam negativamente suas vidas.

centro de síntese

Além da formação do educador é imprescindível também a educação familiar, já que a criança passa a maior parte do tempo com a família e se esta não estiver alinhada com todos os princípios do novo modelo, será muito difícil chegar ao resultado esperado. À primeira vista, parece que é um empreendimento que não vai dar em nada, pela dificuldade em fazer confluir todos os pontos mencionados, mas com planejamento e persistência, os resultados podem ser alcançados, mesmo que isto ocorra em um tempo maior.

Decididamente, tem piorado, com o tempo, a participação dos pais nas reuniões escolares e nas decisões da educação como um todo, inexistindo em muitos casos um Programa Educativo Sócio-Pedagógico das crianças com a participação de todos os setores que formam a educação: Escola, Família e Comunidade, além dos alunos.

A família tem um papel fundamental na construção do caráter e da personalidade da criança. A criança tem – junto à família – seu primeiro contato com a vivência do outro-no-mundo, o que a faz desenvolver a afetividade e a solidariedade, tendo um contato inicial com valores éticos e morais, se essa família também os possuir. Como no início a criança não consegue tomar suas próprias decisões, a família e a escola devem orientá-la para desenvolver sua mente, seu relacionamento social e também sua personalidade.

Desta forma, pais e responsáveis devem se unir à escola com o objetivo de proporcionar às crianças um desenvolvimento melhor, acompanhando a revisão dos conteúdos escolares, tanto pedagógicos quanto de relação, auxiliando-as na realização dos exercícios fixados, a fim de observar seu desempenho integral. A desmotivação percebida em algumas crianças, quanto a atividades escolares, muitas vezes tem origem na falta de apoio e acompanhamento dos pais ou responsáveis.

centro de síntese

É importante que os pais ou responsáveis, junto com os colaboradores e professores diretos da escola, discutam conjuntamente a melhor forma de orientar o aluno em sua motivação e comprometimento com o programa, a fim de obter os melhores resultados, evitando a ocorrência de indisciplina e de falta de atenção e aprendizado.

A colaboração escolar em casa pode ser realizada a partir do incentivo a atividades lúdicas nos momentos de lazer. Além disso, na ajuda em tarefas escolares, no foco da convivência e no respeito com o outro, na prática de virtudes éticas e morais, no relato de histórias relevantes e com a narração de feitos de grande impacto para a humanidade. Isto ajudará a criança a se desenvolver de forma harmônica.

A relação entre família e escola tem que acontecer de forma natural e benéfica para todos, com estratégias de aproximação que utilizem a tecnologia digital disponível a seu favor. Mas, sem abrir mão do contato físico com a criança. Desta forma, criaremos um adulto responsável, focado no coletivo, consciente de sua missão e com um novo sentido para sua vida.

Da mesma maneira como acontece com o educador, se a família – pais ou responsáveis – não estiver alinhada com as novas regras da Escola de Síntese, haverá prejuízo na educação. E o tempo para o surgimento da Nova Humanidade estará postergado, como sucede agora, quando não há consenso entre escola e família, quando cada um culpa o outro pelo fracasso da educação.

Temos que entender de uma vez por todas que o futuro da humanidade depende deste trabalho conjunto em prol de um mundo melhor. Um mundo pelo qual todos ansiamos, mas que pouco fazemos para chegar a ele.

Sociedade

A função da educação ultrapassa a prática dentro sala de aula e se projeta até a família e a comunidade onde está inserida. Construir uma relação positiva e duradoura com a comunidade no entorno da escola é muito importante para o desenvolvimento do centro educativo e para os alunos.

Todo grupo social tem reivindicações que podem ser discutidas em sala de aula e confirmadas na comunidade para uma ação conjunta sobre os problemas e dificuldades. A prática da Responsabilidade Social de empresas e pessoas físicas pode colaborar efetiva e positivamente nas reivindicações da escola, a fim de chegar ao fim proposto. A participação de pessoas de destaque na comunidade, em palestras e conversas com os alunos, estreita os laços entre as partes e leva a compartilhar as experiências e anseios de todos para a melhoria do bairro, da cidade, do país e do mundo.

Para que a escola seja bem-sucedida precisa igualmente de uma comunidade sem a carga emocional da miséria existencial. Quando a comunidade passa por problemas de tipo social a escola deve participar ativamente na solução das dificuldades, estudando a situação e aprofundando a ação no sentido de tomar medidas em conjunto com ela. Da mesma forma, quando a escola estiver passando por uma adversidade, a comunidade deve comparecer para ajudar na tarefa de resolver a questão.

O Estado cumpre o papel importantíssimo de gerenciar as atividades da escola, da família e da sociedade como um todo, através da prática do bem, da dignidade e da objetividade, de forma a conseguir os melhores resultados nas relações entre as partes envolvidas.

Cabe lembrar que Platão não elaborou apenas teorias sobre a moral e a ética humana – através das palavras de

centro de síntese

Sócrates – mas também, sobre as diversas relações entre os membros da sociedade. Para ser justa, esta deveria colocar os filósofos, sábios e pensadores na posição de governantes, a fim de criar uma metodologia de vida que pudesse preparar os indivíduos para ocuparem determinadas posições nessa comunidade, regidos por um governo sábio, virtuoso e ético.

Para isto, havia um treinamento para se tornar um filósofo ou um sábio, os quais – como vimos – teriam reais condições de gerir um Estado; o adestramento citado começava na infância, retirando as crianças do convívio familiar, para evitar os maus hábitos existentes na comuna, praticando atividades físicas e artísticas a fim de moldar seu caráter e suas emoções.

Na adolescência seria cultivado o sentimento religioso, partindo da ideia de que Deus é onipresente e dá coragem e calma aos homens, para que possam praticar o bem, mesmo que o próprio Platão não conseguisse demonstrar a existência Dele. Depois de um teste e uma observação cuidadosa, podiam-se determinar quais homens eram os mais aptos para continuar os estudos e, caso se saíssem bem neles, poderiam unir-se aos filósofos e continuar trabalhando no estudo do mundo das ideias, para fazer jus ao título de governante.

Todos os alunos teriam iguais oportunidades de progredir, mas cada um, por sua capacidade e ambição, poderia ocupar lugares distintos na sociedade. Platão dividiu o Estado em categorias, conforme a necessidade da época. Os governantes seriam aqueles que tivessem chegado ao final dos estudos e demonstrassem uma boa capacidade mental, moral e ética para o exercício da função, sendo que – como exemplo vivo de vida moral – não teriam regalias e morariam discretamente, utilizando somente o necessário para sua sobrevivência.

Desta forma, haveria uma sociedade focada no bem, na ética e na moral, dividida entre as classes econômica, legislativa e

centro de síntese

militar, dirigida por um Estado competente, baseado na moral e nos bons costumes, num processo de retroalimentação.

Claro que este modelo de Estado foi criado no século IV a. C. – quando a sociedade e os costumes eram diferentes dos de hoje. Mas verificamos, com pesar, que os critérios de moralidade e de ética foram substituídos pelos de corrupção e maldade, que são os que imperam no planeta desde há muito tempo. O ser humano perdeu a referência de mundo coletivo e cooperativo. Enquistou-se dentro de si mesmo com o único objetivo de levar vantagem e se desenvolver individualmente, buscando os prazeres da vida, e uma felicidade irreal e desnecessária, fabricada pelo mesmo sistema que nos oprime.

Há um círculo vicioso que nos faz cair sempre no mesmo lugar. Os governantes fazem as leis para manter o sistema que criaram com o objetivo de obter maiores benefícios próprios, em detrimento do resto da sociedade. Dirigem o Estado, comprados pelo sistema, de modo a manter as coisas da forma em que estão, atuando na sustentação de suas regalias e na formação de novos dirigentes que continuem mantendo a sociedade como está.

Resulta muito difícil transmutar a prática existente, partindo da conscientização do Estado, ou seja, trocando os governantes por outros, teoricamente mais capazes. A vida mostra que isso é impossível, já que o ser humano é facilmente corruptível. Como não há moralidade nem ética, a ideia do bem social inexistente ou está fragmentada e espalhada pelo mundo entre uns poucos. A única esperança é transformar as crianças, como dizia Platão. Formar cidadãos de bem junto à família, trocando o sistema educativo, proposto pelos governos em vigência, por outro melhor – que leve em conta tudo aquilo que propusemos para a formação de um ser humano integral, envolvendo a família e a sociedade, para propiciar a gênese de um mundo novo.

O início do Centro de Síntese

Para tudo o que existe, tem que haver um início. Se partirmos do princípio de que o homem novo ainda não existe, ou se existe pertence a um número reduzido de seres que “despertaram”, temos que achar um método para formá-lo e multiplicá-lo.

Se vamos criar uma Escola de Síntese, minimamente os professores que irão passar os ensinamentos devem ser homens “despertados”, ou no caminho de despertar, com seus “eus” unificados – conforme vimos – para que não se percam nas ilusões da multiplicidade dos “eus” e da vida. Para que possam educar seus alunos com base na ética, na moral e nos bons costumes, a fim de propiciar a criação de um mundo melhor.

Falar agora em educação extensiva seria uma utopia. Não acharemos ainda todos os professores com as características citadas para poder assumir a missão proposta, como educadores. Desta forma, temos que começar aos poucos e ir expandindo à medida que seja possível. Provavelmente os alunos de hoje serão os professores de amanhã. Então, o processo vai ser bem longo, mas o resultado valerá à pena. Se houvésemos começado alguns anos atrás, o mundo já seria diferente!

Enfim, se encontrarmos o professor que reúna as características que mencionamos, o primeiro a fazer é chamar a uma reunião social com a presença de pais, amigos, vizinhos e alunos, a fim de mostrar o alcance do programa proposto.

Devemos deixar claro para todos os atores qual é o objetivo principal da Escola de Síntese: a formação dos alunos que devem se transformar nos homens integrais do futuro, com uma ética, moral e bons costumes que possam ser permanentes neles, sem haver a possibilidade de um retrocesso no seu agir.

Os colaboradores, os professores e a direção da escola, devem transmitir, por meio do exemplo, suas atitudes e

centro de síntese

comportamentos como profissionais. O ensinamento deve ser transversal – não apenas vinculado a uma matéria; assim, um professor de Português ou de História deve abordar o tema que nos ocupa com a ajuda de livros e todo tipo de recursos didáticos disponíveis.

Falar sobre questões filosóficas e teorias sobre ética e moral com as crianças não irá trazer resultados satisfatórios. É importante, no início do trabalho, abordar experiências que promovam o aprendizado e ensinem as crianças a fazerem escolhas morais e a terem valores que no futuro servirão como base para que tomem decisões em suas vidas.

Abordar questões sobre causa e consequência de nossas ações, sobre o valor da caridade e da ajuda ao próximo, sustentabilidade e meio ambiente. Valores sobre a comunidade humana, sobre cidadania e valores como o respeito, desenvolvimento pessoal, solidariedade, coletividade, responsabilidade, disciplina, trabalho coletivo e compromisso social. Valores estes que não podem ser medidos apenas em termos materiais.

O aprendizado de ética e moral ligado a todas as disciplinas escolares é importante para formar pessoas capazes de compreender a cidadania, o seu papel na sociedade e na política, seus direitos e deveres políticos, civis e sociais. Transmitir valores que essas pessoas irão adotar em todos os dias de suas vidas – ensinando a outros, inclusive familiares e amigos; transmitir o aprendido, no sentido de coibir a prática do individualismo, da mentira e da simulação, da falta de respeito humano, da falta de honestidade e da vantagem competitiva individual do ser humano, é essencial para formar o novo homem.

Os professores devem utilizar todos os recursos disponíveis para ensinar e transmitir os valores citados: livros temáticos, filmes, oficinas de teatro, palestras, discussão de temas

centro de síntese

conexos, gincanas educativas e outras atividades necessárias. O aluno deve participar ativamente na busca de conhecimentos, em grupos, coletivamente, sobre temas pré-estabelecidos. Por exemplo, dois grupos de alunos pesquisam um tema e o debatem na sala de aula, defendendo ou atacando os resultados da pesquisa, com o auxílio do professor como juiz da gincana. Muitas atividades serão somente para os alunos, mas outras deverão ter a participação da família e da sociedade.

A escola precisa deixar de ser uma instituição somente de educação formal, competitiva, com prêmios e castigos para os alunos segundo seu desempenho. Deve deixar de transmitir conhecimentos enciclopédicos, a fim de criar uma agudeza mental e uma memória repetitiva para levar vantagens no mundo de relação. A escola deve focar-se na alma, naquilo que nos move ao bem, na prática da solidariedade e do coletivismo, para poder preparar o homem do futuro.

Para isto, não precisamos partir de uma escola com centenas de alunos, já que o programa escaparia de nossas mãos. Devemos, a princípio, limitar o número de alunos e fazer um trabalho de conscientização para educar crianças, pais e comunidade no mesmo programa educativo. Quando os pais e vizinhos entenderem bem a ideia, eles mesmos serão multiplicadores do programa e irão colaborar para ampliar o Centro.

Como e o que fazer?

Apresentaremos aqui algumas ideias do que fazer para que o Centro de Síntese seja possível. Cada escola criada e cada professor deverão ser criativos na busca de programas e projetos que sejam úteis ao objetivo proposto. Uma vez formado, o programa será executado e será verificado na prática se está funcionando corretamente; para que depois, em reuniões com outros Centros, os programas sejam discutidos e analisados, de tal forma que todos tenham a mesma orientação com pequenas variáveis regionais, adaptadas a cada caso.

Nada pode ser estático e o programa não formal deve ir variando conforme a circunstância, para adaptar-se à realidade dos alunos, da família e da comunidade. O programa educativo oficial deve ser seguido, acompanhado de formas novas de instrução para não ser maçante e enfadonho. O aluno não pode sentir-se pressionado a estudar de forma mecânica para tirar boas notas e passar de ano, mas deve sentir que o que está aprendendo é e será útil para sua futura vida de relação.

As instalações físicas da escola devem ser espaçosas, claras e limpas, com mensagens curtas de cunho educativo-moral. Estas serão substituídas regularmente, incentivando os alunos a procurarem na bibliografia oferecida, na Internet e em casa – junto a seus familiares, outras frases alinhadas com os objetivos da instituição. Os professores colocarão estas mensagens nas paredes e explicarão aos alunos seu alcance e significado.

A sala de aula não pode parecer uma sala de tortura nem para o aluno nem para o professor; antes, deve ser um lugar agradável, alegre e descontraído para possibilitar o aprendizado. Nada melhor para a criança do que aprender brincando, e isto é pouco provável de acontecer em salas com carteiras rigidamente

centro de síntese

enfileiradas, uniformes escolares ultrapassados, aulas magistrais e horários rigorosos. Horas, dias, anos após anos, sempre a mesma estrutura educativa que esgota professores e alunos prejudicando o aprendizado.

A área administrativa da escola, composta pela direção, por colaboradores da secretaria, de serviços gerais, de limpeza e alimentação dentre outras, deve estar alinhada com os objetivos da escola já que é parte integrante dela, de suma importância. A presença de voluntários entre pais, responsáveis e membros da sociedade civil da comunidade também merece especial atenção e treinamento permanente. Todos eles, incluindo a direção do Centro, devem participar da vida da escola de forma a que o aluno os sinta como aliados para ajudar nas tarefas cotidianas e não como pessoas de outro nível, que controlam seu desempenho. O estudo deve ser sinônimo de alegria.

Como já dissemos, a ideia é alinhar uma série de requisitos, como exemplos, mas a educação e seu conteúdo devem ser dinâmicos e reconstruídos permanentemente, com a participação de todos os envolvidos, com ideias novas e sugestões. Assim, família, educadores e sociedade estarão colaborando para o futuro, sentindo-se parte integrante do ciclo educativo. Reuniões frequentes para discutir conteúdos são imprescindíveis.

Tem que ser criado um projeto voltado para a permanência do aluno na escola. Um programa de auxílio às tarefas escolares permitirá a redução da evasão e o fracasso educativo.

Não haverá formação religiosa específica, já que cada um deve cultivar sua própria religião familiar. Mas, serão ensinados os fundamentos de todas as religiões possíveis e se insistirá na espiritualidade humana como forma de evidenciar a ética e a moral dos que acreditam no ser humano como um ente individual que é uma parte integrante do Todo.

centro de síntese

Deve haver um programa de formação de consciência social em relação à alimentação e à destinação do lixo produzido. É muito importante o incentivo ao cultivo de alimentos, com aulas práticas no pátio da escola, horta comunitária gerenciada pelos alunos, compostagem e criação de animais que forneçam alimentos, como ovos, leite, dentre outros, quando possível. Da mesma forma, um programa de reciclagem, evidenciando a importância da destinação do lixo, inclusive com visitas guiadas às usinas de reciclagem e compostagem, mostrará à criança a importância da economia providencial para tempos de crise. Os alunos devem participar das atividades do refeitório da escola, em sistema de rodízio, ajudando nas tarefas básicas, como limpar e pôr a mesa, varrer o local da refeição e a cozinha, servir os colegas e posteriormente ajudar a lavar a louça.

Igualmente, deve haver um programa de atividades artísticas e literárias, como oficinas de teatro, de música, de artesanato em geral, nos quais as crianças participem ativamente. Os professores podem incentivar os alunos a escreverem pequenas peças de teatro, sob sua orientação, com conteúdo alinhado aos da escola. Da mesma forma, concursos de leitura e interpretação de textos, de poesias e de contos servirão para que o aluno desenvolva seu amor pelos livros.

Instrumentos musicais devem ser disponibilizados para que as crianças se interessem em sua execução e manuseio. Esculturas de argila e de gesso, telas de pintura e desenho, jogos educativos devem estar presentes para incentivar atividades artísticas. Os professores devem guiar e explicar em detalhes o alcance destas atividades. Um coral formado com a participação dos familiares e da comunidade será muito útil aos fins da escola.

Fizemos menção aos filmes de conteúdo ético e moral, com ensinamentos acerca do bem, que estão disponíveis na Internet

centro de síntese

ou em lojas que vendem o produto. Assistir a filmes, com a família e a comunidade, permite depois a discussão detalhada do conteúdo e das lições morais que podem ser extraídos do filme. Todos aprenderão o que foi transmitido e poderão fazer seus depoimentos de casos próprios para que todos conheçam e se crie entre eles um espírito de colaboração e altruísmo, necessários para levar adiante a ideia do Centro de Síntese.

Grande importância têm os programas esportivos e recreativos. Os professores têm que incentivar as atividades esportivas, não como uma obrigação a ser cumprida, mas como um sustento vital para o corpo, com resultados visíveis no desenvolvimento físico da criança. Muitas brincadeiras – em forma de esporte, jogos e gincanas, campeonatos entre os alunos e os familiares e a comunidade – trarão enorme benefício à educação proposta.

Programas de atividades profissionalizantes com a ajuda de parceiros, levando em conta a orientação e o gosto dos alunos, serão muito importantes para sua formação integral. A realização de festas, bazares e outro tipo de atividades para a arrecadação de fundos, com a participação das crianças, proverá parte do necessário para a compra de materiais utilizados nas aulas e oficinas, numa conta gerenciada por uma comissão de alunos, pais, professores e comunidade.

Ensino médio e superior

Difícilmente obteremos bons resultados, começando o Centro de Síntese no ensino médio ou na Universidade. Pois o aluno, se não tiver passado por um sistema como o que falamos até aqui, ou se não tiver os valores propostos bem assentados em sua mente e em seu emocional, não conseguirá entender em sua totalidade a proposta de Síntese.

Não significa que não possamos passar estes valores na sala de aula, mas o êxito da missão se verá prejudicado pela falta de comprometimento dos alunos destes níveis no entendimento dos valores éticos e morais que comentamos até aqui. Isto quer dizer que podemos ensinar e transmitir os mesmos valores da Síntese, mas sem esperar os resultados que pretendemos no ensino fundamental. O aluno do ensino médio e universitário já vem formado numa direção e vai resultar difícil, embora não impossível, que possa se transformar nesse homem integral do qual estamos falando, sem haver passado sua infância na Escola de Síntese que recomendamos.

Outro componente de suma importância é a preparação dos professores do ensino médio e da Universidade, já que – além do programa normal de aulas – terá que estar enfronhado nos conceitos sobre os quais falamos, acerca da Síntese. Desta forma, o melhor caminho é o de começar pela educação básica e ir formando os professores que assumirão a tarefa na sequência educativa das crianças, até alcançarem o nível máximo de escolaridade, se este for o seu desejo.

A ideia é a de chamar alguns professores do ensino médio e Universitário para participarem das aulas da escola fundamental e das reuniões familiares e comunitárias – como ouvintes voluntários – para que possam ir adquirindo as bases do Centro de Síntese e possam depois estendê-las a seus ambientes de trabalho. Quando as crianças de Síntese deixarem o ensino

fundamental para ingressar no ensino médio, levarão uma prática de virtudes éticas e morais, e de realizações do grupo que serão muito importantes para continuar o aprendizado. Os professores que irão recebê-los estarão treinados o suficiente para continuar com a prática das virtudes aliadas ao currículo escolar.

Como hoje a Universidade forma o homem para o mercado de trabalho e não para o coletivo, para o social, ela não é moral e ética no sentido estrito da palavra. Todo o trabalho do estudo e da pesquisa está orientado para galgar posições sociais individuais e não para ajudar a resolver as questões sociais coletivas da humanidade.

Quando Sabin renunciou aos direitos de patente da vacina que criou, facilitando a difusão da mesma e permitindo que crianças de todo o mundo fossem imunizadas contra a poliomielite, conhecida como paralisia infantil, ninguém acreditou. Pensaram que havia alguma questão de fundo, na qual levaria vantagem individual mais adiante.

Poucos cientistas no mundo colocam seus descobrimentos à disposição da humanidade sem pensar em ganhar alguma coisa com isso. Isto não é execrável, de nenhuma maneira, mas mostra que o ser humano não pensa coletivamente e que seu desejo de desenvolvimento social individual ultrapassa o coletivo.

Serve de exemplo a corrida mundial pela vacina contra a Covid 19. As empresas correm contra o tempo para serem as primeiras em chegar a um resultado favorável, especulando sobre qual será o melhor preço para sua distribuição. Não que não devam ganhar com isso; afinal são empresas. No entanto, não vimos nenhuma delas que dissesse que iria doar a tecnologia para resolver o problema social que a pandemia acarretou, como o fez Sabin na ocasião.

Raramente alguém estuda para ajudar, mas sim para ajudar-se. As melhores Universidades do mundo são desejáveis e

centro de síntese

muito procuradas porque possibilitam expandir o currículo pessoal e facilitam enormemente a procura de um emprego posterior. Quanto mais cotada estiver a Universidade, maior salário e melhor ocupação terá quem nela se formar.

Tentar unir o útil ao agradável é a tarefa que temos no Centro de Síntese. Não pretendemos minimizar o esforço para conseguir uma melhor posição social, mas preconizamos que todo aprendizado seja orientado para ajudar coletivamente a humanidade, em qualquer lugar onde o homem novo estiver.

Epílogo

Diversas organizações sociais tentaram resolver os problemas que enfrentamos no mundo, sendo a Organização das Nações Unidas – ONU, uma das principais.

Criada em 1945, a ONU é a maior organização internacional existente, da qual quase todos os estados do mundo são membros. Sua tarefa é manter a paz e a segurança no mundo, ajudar a resolver os problemas que nos afetam, promover o respeito pelos direitos humanos das pessoas (incluindo crianças e adolescentes) e prestar apoio aos países de maneira a trabalharem em conjunto para esta finalidade, tendo atualmente 193 Países Membros.

No ano 2000, os representantes dos 189 países que compunham a ONU se reuniram para adotar a Declaração do Milênio, formando uma aliança para combater a pobreza, criando as metas que conhecemos como Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

Estas metas eram oito, que os Estados criaram para orientar esforços conjuntos entre organizações internacionais e Estados no combate à pobreza e à fome no mundo, em deter doenças como o HIV/AIDS, promover a igualdade de gênero e reduzir as taxas de evasão escolar, entre outros esforços. Elas deveriam ter sido cumpridas até o ano 2015 e, embora muitos progressos tenham sido feitos, ainda há muito trabalho a realizar.

Hoje, mais de 10% das pessoas no mundo continuam a viver na pobreza e muitos outros convivem com a desigualdade social, tratamento injusto e discriminação. Nos últimos anos, a ONU vem discutindo quais deveriam ser as prioridades globais que precisam ser cumpridas até 2030. Estas prioridades são agora chamadas de Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável ou Objetivos Globais. Há 17 metas globais que

centro de síntese

cobrem uma série de questões importantes para o mundo, incluindo: acabar com a pobreza extrema, garantir que todas as crianças recebam uma boa educação, atingir a igualdade de oportunidades para todos e promover melhores práticas para o consumo e produção que ajudarão a tornar o planeta mais limpo e mais saudável.

Embora seja verdade que a situação venha melhorando em termos de pobreza extrema e desigualdade social, a questão está longe de ser resolvida. A melhoria observada se deve mais a uma reacomodação do sistema do que a uma vontade real de acabar com o problema.

Pela experiência do mundo podemos verificar que o simples desejo de acertar as coisas não leva a lugar nenhum. Se não se mudar efetivamente o ser humano, em seu interior, fazendo com que não mais aceite como normal tudo aquilo que nos degrada e que virou rotina nas nossas vidas pelo costume, não iremos conseguir formar o mundo melhor ao qual almejamos.

A manutenção do individualismo e a louca corrida por galgar posições sociais que nos forneçam vantagens sobre os outros a fim de viver melhor, é uma experiência que não deu certo. A maioria das instituições que se propõem melhorar a situação humana não aponta na direção certa, qual seja a formação adequada do homem integral que permita um olhar egoente sobre o mundo.

Há muitas pessoas na Terra que anseiam por um mundo diferente e procuram permanentemente soluções que permitam alcançar seu objetivo. Eles próprios pertencem ao velho mundo e, mesmo que desejem uma mudança, muitas vezes caem na armadilha do sistema e acabam adiando uma posição de combate ao mesmo – sem perceber que, a cada dia que passa, diminuem as possibilidades reais de mudança. O próprio sistema o percebe e se reacomoda novamente para manter a situação.

centro de síntese

O Centro de Síntese deve ser criado imediatamente e deve ser multiplicado para que os frutos possam ser saboreados em um tempo menor. Mesmo assim, o trabalho será árduo e difícil, já que o sistema instituído vai se defender, alegando que está se formando uma ideologia estranha que vai tornar o ser humano um autômato, como tem feito sistematicamente através dos tempos – e cujos exemplos abundam e são bem conhecidos.

Quando a humanidade exerça a ética, a moral, as virtudes e os bons costumes, vivendo em paz e harmonia, com igualdade de oportunidades para todos, com acesso às necessidades básicas e aos direitos fundamentais do ser humano, olharemos para trás e nos lembraremos da nossa história como de um filme. Veremos que tudo o que aconteceu no mundo foi necessário e que foi o ponto de partida para chegar à situação em que nos encontremos nessa ocasião.

